

## **“A Regra de Paulo para Todas as Igrejas” em 1 Coríntios 7:17-24 e a Variação Eclesiológica definida pela Torá<sup>1</sup>**

David J. Rudolph, Messianic Jewish Theological Institute

Paper apresentado na American Academy of Religion Conference, 3 novembro 2008

Cada um deve permanecer na posição em que o Senhor o colocou e para a qual Deus o chamou. Esta é a regra que estabeleço em todas as igrejas. Se alguém foi chamado já circuncidado, não deve tentar desfazer a circuncisão. Se alguém foi chamado sem ser circuncidado, não deve ser circuncidado. A circuncisão não é nada e a incircuncisão também não é nada; o que importa é obedecer aos mandamentos de Deus. Que cada um permaneça na condição em que foi chamado por Deus. Você era escravo quando foi chamado? Não se preocupe com isso, mas, se puder obter a liberdade, aproveite a oportunidade. Pois quem foi chamado, estando escravo, é liberto do Senhor; da mesma forma, quem foi chamado estando livre, torna-se escravo de Cristo. Vocês foram comprados por alto preço; portanto, não se tornem escravos de homens. Irmãos, cada um deve continuar diante de Deus na posição em que foi chamado (1 Coríntios 7:17-24).

Em preparação para esta conferência, perguntei a vários líderes se eles estavam familiarizados com a 'regra de Paulo em todas as igrejas'. Notavelmente, nenhum líder que respondeu à minha pesquisa ad hoc estava ciente de tal regra. Com base nessa resposta e minha familiaridade com a eclesiologia, acredito que é provável que a 'regra de Paulo em todas as igrejas' tenha se tornado uma 'regra em poucas igrejas' nos dias atuais. Embora muitos provavelmente ficariam satisfeitos em ver esse estado das coisas continuarem, especialmente aqueles que não gostam de regras na igreja, permanece a pergunta: 'Deveria um ensinamento que Paulo considerou importante o suficiente para ser uma regra universal ser quase universalmente negligenciado pelos cristãos contemporâneos?'

O objetivo deste artigo é apresentar a regra de Paulo para aqueles que não estão familiarizados com ela e argumentar que a regra de Paulo é um ponto fundamental que sustenta a igreja como um corpo de judeus e gentios.<sup>2</sup> Na primeira parte do artigo, discutirei a regra de Paulo em relação à continuidade da identidade judaica, a indiferença do apóstolo em relação às diferenças judaicas (1 Coríntios 7:19) e o Concílio de Jerusalém (Atos 15). Na segunda parte, abordarei os efeitos da igreja não seguir a regra de Paulo, a ekklesia judaico-gentílica e se a regra de Paulo pode ser implementada hoje.

### **A Regra de Paulo e o Chamado Irrevogável de Israel**

Na língua inglesa, às vezes falamos sobre o "chamado de vida" de uma pessoa - um caminho ou direção que parece ser traçado para ela e que reflete sua disposição única, talentos ou motivações.

<sup>1</sup> Paul's "Rule in All the Churches" and Torah-Defined Ecclesiological Variegation Studies in *Christian-Jewish Relations* 5 (2010): 1-23

<sup>2</sup> Para uma discussão mais completa da teologia de Paulo sobre o Judaísmo, veja David J. Rudolph, *"A Jew to the Jews: Jewish Contours of Pauline Flexibility in 1 Corinthians 9:19-23"* (Dissertação de PhD, Universidade de Cambridge, 2006; publicado pela Mohr-Siebeck na série WUNT II, 2011). Atualização do tradutor - Em 2016, a obra de Rudolph ganhou uma segunda edição e foi publicada pela Pickwick Publications.

Hoje em dia, é incomum falarmos sobre o chamado de uma nação ou grupo étnico. Mas no pensamento judaico do primeiro século, a eleição de Israel era de importância primordial e um senso de vocação nacional era normativo. Paulo pode, portanto, dizer em Rom 11:28-29 que "no tocante ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas no tocante à eleição, amados por causa dos pais. Porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis (κλήσις).

Em 1 Coríntios 7:17-24, Paulo utiliza essa estrutura conceitual judaica e apresenta a vocação judaica como uma ilustração para ajudar a comunicar sua posição sobre o casamento e o celibato. O ponto de Paulo é que, assim como os judeus devem permanecer em seus chamados como judeus e os gentios em seus chamados como gentios, assim também os casados e celibatários devem permanecer em seus respectivos chamados.<sup>3</sup> Ambas vocações possuem a aprovação do Senhor. Os Coríntios não devem considerar o celibato como bom e o casamento como ruim (1 Coríntios 7:17-27). A bênção escatológica não é dependente do casamento ou do celibato.<sup>4</sup>

Embora a questão das vocações judaicas e gentílicas seja apresentada em 1 Coríntios 7:17-24 como um argumento de apoio, Paulo deixa claro que ele considera a afirmação e a perpetuação dessas vocações como uma expressão fundamental de sua regra em todas as igrejas. A associação com uma "regra universal"<sup>6</sup> destaca a importância que ele atribui a essas vocações.<sup>7</sup>

---

<sup>3</sup> Consulte o Apêndice. Para um estudo de como 1 Cor 7:17-24 se encaixa no contexto mais amplo da visão social de Paulo na carta, veja Bruce Hansen, "All of You Are One": The Social Vision of Gal 3.28, 1 Cor 12.13 and Col 3.11 (London: T&T Clark, 2010), 105-157.

<sup>4</sup> 1 Coríntios 7 reflete uma escatologia iminente? Há uma variedade de pontos de vista sobre as expectativas escatológicas de Paulo em 1 Coríntios. "Como Deming e Wimbush defendem, os critérios pastorais pragmáticos de Paulo [por exemplo, sua instrução em 1 Coríntios 11:2-16 de que as mulheres devem usar cobertura na cabeça] não sugerem uma teologia de iminência escatológica que depende da convicção de que as comunidades paulinas são a última geração" (Anthony C. Thiselton, *The First Epistle to the Corinthians*: [NIGTC; Grand Rapids: Eerdmans, 2000], 575). David Garland afirma: "Ele não está falando sobre quanto tempo resta, mas sobre como a morte e ressurreição de Cristo mudaram a maneira como os cristãos devem encarar o tempo que resta. Ele não está recomendando que se tenha uma visão de curto prazo da vida, nem oferecendo uma ética intermediária para a tribulação iminente do fim dos tempos. Em vez disso, ele entende que a compressão do tempo significa que o resultado futuro deste mundo se tornou cristalino ... Fee comenta (1987:339), 'Aqueles que têm um futuro definido e o veem claramente vivem no presente com valores radicalmente alterados quanto ao que conta e o que não conta'. Isso os obriga a 'repensarem sua existência'" (David E. Garland, *1 Coríntios* [BECNT; Grand Rapids: Baker Academic, 2003], 328-329). Veja também Brian S. Rosner, *Paul, Scripture & Ethics: A Study of 1 Corinthians 5-7* (Grand Rapids: Baker, 1994), 161-163. No entanto, para meu argumento, o ponto mais importante é que, mesmo que alguém conclua que Paulo esperava um retorno iminente do Messias, ainda seria necessário não exagerar um motivo escatológico para suas instruções; Paulo também foi influenciado por preocupações cristológicas e eclesiológicas, entre outras. Concedendo uma escatologia iminente, a pergunta ainda permaneceria: "Quão iminente? E qual foi a ética intermediária que Paulo vislumbrou para os crentes em Jesus em Corinto?" Seguindo essa linha de pensamento, um argumento razoável pode ser feito com base na "regra em todas as igrejas" de Paulo e no princípio dos chamados divinos (1 Cor 7:17-24) de que Paulo queria que suas comunidades refletissem a variação eclesiológica definida pela Torá. Uma questão relacionada abordada posteriormente no artigo sob o título "A Church of Jews and Gentiles" é se Paulo via a igreja como uma proleptose de Israel e das nações no eschaton. Se este fosse o caso, a ética interina de Paulo poderia ter sido informada pelas expectativas escatológicas judaicas do Segundo Templo que previam a continuidade da identidade judaica e gentia na era por vir (veja a nota de rodapé 63).

<sup>5</sup> A igreja em Corinto parece ter começado com um núcleo de judeus que acreditavam em Jesus - Áquila e Priscila (judeus de Roma), bem como Crispo, o presidente da sinagoga (ἀρχισυνάγωγος) e toda a sua família (Atos 18:1-2, 8). Lucas observa que Paulo ficou "ao lado (συναγορεύσας) da sinagoga" com um gentio temente a Deus chamado Tício Justo (Atos 18:7). O termo συναγορεύσας significa "estava fazendo fronteira com" ou "tinha uma parede em comum com". Talvez os crentes em Jesus em Corinto tenham se reunido pela primeira vez nesta casa ao lado da sinagoga. "A afirmação de Lucas de que Paulo ficou "ao lado" da sinagoga é uma metáfora para indicar a forte conexão de Paulo com os judeus e sua disposição em manter uma relação estreita com eles." (Bart J. Koet, "As Close to the Synagogue as Can Be: Paul in Corinth [Acts 18.1-18]," em *The Corinthian Correspondence*, ed. R. Bieringer [Leuven: Leuven University Press, 1996], 409). A referência de Paulo a judeus e gregos (1 Coríntios 1:22-24; 9:20-21; 10:32; 12:13), circuncisos e incircuncisos (1 Coríntios 7:17-20), Apolo (1 Coríntios 1:12; 3:4-5, 22; 4:6; 16:12; cf. Atos 18:24; 19:1), Cefas (1 Coríntios 1:12; 3:22; 9:5; 15:5; cf. Gálatas 2:7), Timóteo (1 Coríntios 4:17; 16:10; cf. Atos 16:1-4), Páscoa (1 Coríntios 5:7), o povo de Israel (1 Coríntios 10:18), o momento da festa judaica de Pentecostes (1 Coríntios 16:8) e a oferta a Jerusalém (1 Coríntios 16:3) sugerem que a igreja em Corinto permaneceu dentro da órbita dos judeus e do judaísmo.

<sup>6</sup> NRSV, ESV, RSV, NIV, NJB, REB, NLT, NCV, NIRV, CJB. "Esta é a ordem (διατάσσομαι) que estabeleço em todas as igrejas." (BDAG 2000:238). Cf. διατάσσω em 1 Coríntios 9:14; 16:1; Tito 1:5; Lucas 17:9-10; Atos 7:44; 18:2; 23:31; 24:23.

<sup>7</sup> 1 Coríntios 7:17-27 pode refletir a halakhah paulina, "Uma leitura especificamente haláquica nos permite imaginar Paulo protestando violentamente contra a imposição da lei sobre os crentes gentios, enquanto ainda supõe que os crentes judeus permaneçam observantes da lei. Em paralelo com essa leitura específica, somos capazes de ver que a 'teologia da lei' de Paulo não pretende acabar com a lei, mas argumentar seu

O princípio por trás desta regra é que os judeus devem permanecer judeus e os gentios devem permanecer gentios, cada pessoa deve permanecer no chamado em que estava quando Deus o chamou. Este é o cerne da regra. Paulo repete este princípio três vezes em 1 Coríntios 7:17-24. Note a estrutura paralela:

v. 17 Cada um (ἐκάστῳ) deve manter a posição (περιπατεῖτω) que o Senhor lhe atribuiu (ἐμέρισεν ὁ κύριος) e para a qual Deus o chamou (κέκληκεν).

v. 20 Cada um (ἕκαστος) deve permanecer (μενέτω) na situação [chamado] (κλήσει) em que estava quando Deus o chamou (ἐκλήθη).

v. 24 Cada homem (ἕκαστος), como responsável perante Deus, deve permanecer (μενέτω) na situação para a qual Deus o chamou (ἐκλήθη).

O versículo 24 afirma: ἐν ἐκλήθῃ . . . ἐν τούτῳ μενέτω (literalmente: “cada um deve permanecer na situação em que foi chamado por Deus para estar”). Aqui, a expressão "chamado por Deus" parece se referir a certas formas de vida específicas, e não apenas ao chamado de Deus para salvação.<sup>8</sup> Este argumento é reforçado quando examinamos a paralela do versículo 20: ἐν τῇ κλήσει ἢ ἐκλήθῃ, ἐν ταύτῃ μενέτω (literalmente: “cada um deve permanecer na situação em que estava quando foi chamado”). A maioria das concorda que no versículo 20, κλήσει ("chamado") se refere ao lugar social que uma pessoa quando se converte (NRSV, ESV, NASB, REB, NET; cf. 1 Coríntios 1:26).<sup>9</sup> Isso sugere, por extensão, com base na maneira como Paulo usa a palavra ἐκλήθη nos versículos 20 e 24, que a "situação" (κλήσει) na vida é em si mesma um chamado.<sup>10</sup> Veja como Agostinho interpretou 1 Coríntios 7:17-20:

---

valor distintivo para judeus e gentios. Sim, há uma 'teologia da lei' em Romanos e Gálatas, mas sua aplicação é especificamente haláquica: tem implicações práticas distintas para judeus e gentios. Ambos são justificados apenas pela fé - portanto, os não-judeus não devem começar a observar a lei e os judeus não devem deixar de fazê-lo. Essa é a mensagem da 'regra eclesial' de Paulo em 1 Coríntios (7:17-24)" (Peter J. Tomson, "Halakhah in the New Testament: A Research Overview," in *The New Testament and Rabbinic Literature*, eds. Reimund Bieringer, Florentino García Martínez, Didier Pollefeyt and Peter J. Tomson [SJSJ 136; Leiden: Brill, 2010], 204-205); "De fato, a convicção fundamental de Paulo e, na minha opinião, a chave para entender sua posição teológica sobre lei e fé, é que todas as pessoas devem permanecer na condição em que estavam quando foram chamadas (1 Coríntios 7:17-20)" (Anders Runesson, "Inventing Christian Identity: Paul, Ignatius, and Theodosius I," in *Exploring Early Christian Identity*, ed. Bengt Holmberg [Tübingen: Mohr-Siebeck, 2008], 80-81). Também Mark D. Nanos, "Paul and Judaism," in *Codex Pauli* (Rome: Società San Paolo, 2009), 54; Magnus Zetterholm, "Paul and the Missing Messiah," in *The Messiah in Early Judaism and Christianity*, ed. Magnus Zetterholm (Minneapolis: Fortress, 2007), 49-50.

<sup>8</sup> É digno de nota que Paulo pode se referir ao seu apostolado como um chamado, "Paulo, chamado para ser um apóstolo (κλητὸς ἀπόστολος)" (1 Cor. 1:1; cf. Rom. 1:1). Aqui, "chamado" não se refere a um chamado à salvação, mas a um certo tipo de serviço no Reino de Deus. Mais tarde em 1 Cor. 12:4-5, 28-31, Paulo identifica o apostolado com os "dons" (χαρίσματα) e depois com os "serviços" (διακονιῶν) à Deus.

<sup>9</sup> Para uma análise da linguagem referente ao chamado em 1 Coríntios, veja Brad R. Braxton, *The Tyranny of Resolution: 1 Corinthians 7:17-24* (Atlanta: Society of Biblical Literature, 2000), 40f.

<sup>10</sup> "Mas a preocupação em todo o texto é com a situação social deles na época do chamado, que agora deve ser visto como aquele que 'o Senhor atribuiu a cada um'... Paulo significa que, ao chamar uma pessoa dentro de uma situação específica, essa situação em si é incorporada no chamado e, assim, santificada para ele" (Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians* [NICNT; Grand Rapids: Eerdmans, 1987], 310). Também Mark D. Nanos, "The Myth of the 'Law-Free' Paul Standing Between Christians and Jews," *Studies in Christian-Jewish Relations* 4 (2009): 3; Joel Willitts, "Weighing the Words of Paul: How do we understand Paul's instructions today?" *The Covenant Companion* 3 (2009): 28-30. Mais cauteloso ainda é W. A. Beardslee, *Human Achievement and Divine Vocation in the Message of Paul* (London: SCM, 1961), 63.

"Se alguém foi chamado estando circuncidado, que não se torne incircunciso [1 Coríntios 7:18]", isto é, que não viva como se não tivesse sido circuncidado...Devido à visão que ele expressou nas palavras: "Se alguém foi chamado circuncidado, que não se torne incircunciso. Se alguém foi chamado estando incircunciso, que não seja circuncidado [1 Coríntios 7:18]", ele realmente se conformou com as obrigações (Agostinho, Op. mon. 11 [12]).<sup>11</sup>

Esta é também a forma como o Rabino Jacob Emden, um renomado estudioso da Torá do século XVIII, interpretou 1 Coríntios 7:17-24 no Seder Olam Rabbah Vezuta (1757):

Mas verdadeiramente, mesmo de acordo com os escritores dos Evangelhos, um judeu não tem permissão para abandonar a Torá, pois Paulo escreveu em sua carta aos Gálatas (Gal 5): "Eu, Paulo, digo a vocês que, se vocês se circuncidarem, Cristo não lhes servirá para nada. Eu asseguro a vocês que todo homem que se deixa circuncidar está obrigado a obedecer a toda a Lei". Novamente, por causa disso, ele advertiu em uma carta aos Coríntios (1 Cor 7) que os circuncidados não deveriam remover as marcas da circuncisão, nem os não circuncidados se circuncidarem. Você pode entender, portanto, que Paulo não se contradiz por causa de sua circuncisão de Timóteo, pois este era filho de uma mãe judia e de um pai gentio (Atos 16), e Paulo era um estudioso, um seguidor de Raban Gamaliel, o Ancião, bem versado nas leis da Torá. Ele sabia que a criança de uma mãe judia é considerada completamente como judia, mesmo que o pai seja um gentio, como está escrito no Talmud e nos Códigos. Ele, portanto, agiu completamente de acordo com a Halakha ao circuncidar Timóteo. Isso estaria em linha com sua posição de que todos devem permanecer em sua própria fé (1 Cor 7). Timóteo, nascido de uma mãe judia, tinha a lei de um judeu e precisava ser circuncidado, assim como foi ordenado a observar todos os mandamentos da Torá... Pois todos os que são circuncidados estão vinculados a todos os mandamentos... Certamente, portanto, não há dúvida de que aquele que busca a verdade concordará com nossa tese, de que o Nazareno e seus Apóstolos nunca quiseram abolir a Torá de Moisés daquele que nasceu judeu. Da mesma forma, Paulo escreveu em sua carta aos Coríntios (1 Cor 7) que cada um deveria seguir a fé em que foi chamado. Eles, portanto, agiram de acordo com a Torá ao proibir a circuncisão aos gentios, de acordo com a Halakha, pois é proibido a quem não aceita o jugo dos mandamentos.<sup>12</sup>

Alan Johnson observa que a tradução da NVI de 1 Coríntios 7:17-24 segue a interpretação de Lutero e dos reformadores, que consideravam este texto como evidência da existência de "vocações" (ou seja, chamados para uma determinada maneira de vida no serviço de Deus).<sup>13</sup> No entanto, Johnson entende que "*chamado*" em 1 Coríntios 7:17 se refere ao *chamado para a fé* em Cristo:

---

<sup>11</sup> Mary Sarah Muldowney, trans., *The Work of Monks*, in *Saint Augustine: Treatises on Various Subjects*, ed. Roy J. Deferrari (FOC 14; Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 1952), 323-394. Latin: PL 40.547-582; CSEL 41; BA 28.

<sup>12</sup> Harvey Falk, "Rabbi Jacob Emden's Views on Christianity," *Journal of Ecumenical Studies* 19:1 (1982): 107-109. Cf. Ernst F. Stroeter, "Does the Jew, in Christ, Cease to Be a Jew?" *Our Hope* 2:6 (December 1895): 129-134.

<sup>13</sup> "Vocação" vem do latim *vocare* ("chamar"). "Calvino interpretou 'vocação' de uma forma muito semelhante à de Lutero. Deus, ele diz, designou deveres e um modo de vida para todos, e esses modos de vida são 'vocações'" (Rupert Davies, "Vocation", em *A New Dictionary of Christian Theology*, eds. Alan Richardson e John Bowden [London: SCM, 1983], 602).

A tradução da NVI do versículo 17 é infeliz. Seguindo Lutero e outros reformadores do século XVI, que entendiam "chamado" e "vocação" ao longo deste trecho como ocupacionais, a NVI traduz o texto como cada um deve permanecer na posição que o Senhor lhe designou e para a qual Deus o chamou. Melhor ainda é a TNIV: "cada um de vocês deve viver como um crente em qualquer situação que o Senhor lhe tenha designado, assim como Deus o chamou". O foco principal está no comportamento cristão que é apropriado ao nosso chamado à fé em Cristo em todas as situações da vida em que possamos nos encontrar quando fomos chamados à salvação. Por outro lado, Paulo também diz que o Senhor designou [a cada um], o que sugere que, como uma questão secundária, essas situações de vida também podem ser pensadas como de alguma forma divinamente ordenadas... O versículo 20 chega mais perto do sentido de chamado vocacional de Lutero.<sup>14</sup>

Embora Johnson diminua a importância do aspecto de "situação de vida" do "chamado" em 1 Coríntios 7:17, ele reconhece que "essas situações de vida (às quais se refere no verso 17) podem ser percebidas como divinamente ordenadas" e que o verso 20 apoia esse argumento. Anthony Thiselton contribui com essa avaliação:

No entanto, em 1 Coríntios 7:20a, a expressão "à vocação" se aproxima muito da ideia de um chamado para um estado ou papel específico. O próprio uso da expressão "o Senhor o designou" no verso 17a deveria nos fazer atentar quando dizemos que Paulo não considerou um determinado papel na sociedade como uma questão de vocação divina.<sup>15</sup>

Wolfgang Schrage vê, de maneira semelhante, o "chamado" no verso 17 como um chamado para a salvação, e a expressão "à vocação" no verso 20 como uma referência à situação e à forma do chamado, à sua condição concreta.<sup>16</sup>

Para resumir, 1 Cor. 7:20 conecta κλήσει ("situação") com ἐκλήθη ("chamado"). O versículo 24 ἐν ἐκλήθη ("no estado em que estava quando foi chamado") refere-se à situação / chamado anterior (v. 20 κλήσει) da mesma forma que o versículo 17 aponta para ele: "Esta situação, este cenário de a vida em que o chamado de Deus tocou uma pessoa, é agora (por extensão) ela mesma descrita como um 'chamado'. Parece ser a única solução que respeita o contexto."<sup>17</sup>

<sup>14</sup> Alan F. Johnson, *1 Corinthians* (Downers Grove: InterVarsity, 2004), 121.

<sup>15</sup> Thiselton, *The First Epistle to the Corinthians*, 549. "Assim, apesar da relativização de tudo o que pertence a Cristo, a situação (o ponto de receber um chamado - κλήσις) em que alguém recebeu o chamado à fé tem uma importância particular na ética de Paulo. Continua a ser um fator vital para determinar a conduta futura, mesmo em questões importantes como aceitar ou não a circuncisão. A situação de uma pessoa pode não ser o fator decisivo, mas ainda é significativo. Portanto, a circuncisão ou a falta dela ainda desempenha um papel nas decisões éticas daqueles que estão em Cristo... Portanto, mesmo que - como alguns argumentariam - os aspectos étnicos (judeus ou gentios) não sejam tão urgentes em Corinto quanto as questões sexuais, nossa discussão até agora confirma que, para a ética paulina, as circunstâncias fazem parte dos critérios para decisões éticas em Cristo... Qualquer que seja a liberdade escatológica que os discípulos de Cristo possam desfrutar, essa liberdade é limitada pela situação inicial de uma pessoa quando chamada à fé, que Barth chama, 'a totalidade da particularidade, limitação e restrição na qual cada homem encontra o chamado e comando divino' do status da condição humana neste momento crucial. Aqueles que são chamados devem considerar e respeitar onde eles e outros estavam quando receberam o chamado... A força de Paulo para teologizar não deve ser negligenciada. O chamado ocorre em um determinado momento e lugar, e esse status permanece um dado, um componente essencial da identidade de uma pessoa em Cristo, sujeito exclusivamente ao Seu senhorio". (William S. Campbell, *Paul and the Creation of Christian Identity* [Edinburgh: T&T Clark, 2006], 91-92)

<sup>16</sup> Wolfgang Schrage, *Der erste Brief an die Korinther II* (EKK; Düsseldorf: Neukirchener Verlag and Benziger Verlag, 1995), 137-138.

<sup>17</sup> Gregory W. Dawes, "But if you can gain your freedom' (1 Cor. 7:17-24)," *The Catholic Biblical Quarterly* 52 (1990): 684 n. 17. Lutero argumenta no *Kirchenpostille* (WA 10.1. 1, 308) que todas as esferas espirituais (piedosas) da vida representam chamados divinos para o serviço (Gustaf Wingren, *Luther on Vocation*, trad. Carl C. Rasmussen [Philadelphia: Muhlenberg, 1957], 1-7), mas isso parece ir além do que 1 Cor. 7:17-24. De acordo com Dawes, uma visão intermediária entre a posição minimalista (de Johnson) e a posição maximalista (de Lutero) em 1 Cor. 7:17-24 parece ser apropriada.

Por esta razão, Hanz Conzelmann e outros traduzem 1 Cor. 7:20 da seguinte maneira: "Que cada um continue na vocação para a qual foi chamado."<sup>18</sup>

Dois argumentos intertextuais reforçam a ideia de que Paulo, em 1 Cor. 7:19-20, viu "circuncisão" (περιτομή) e "prejúcio" (ἀκροβυστία) como chamados "dados" por Deus. Primeiro, a distinção judeu-gentio reflete um chamado histórico; O Senhor escolheu Israel para ser o seu tesouro dentre todos os povos (ou seja, separado por sua identidade e modo de vida). A nação judaica foi chamada para ser "um reino de sacerdotes e uma nação santa" (Ex. 19:5-6; Deut. 7:6; 14:2; 26:18). Este era o serviço de Israel diante de Deus.<sup>19</sup>

Em segundo lugar, em Romanos 11:29, Paulo usa o termo κλήσις para se referir ao "chamado irrevogável" de Israel:

Quanto ao evangelho, eles são, na verdade, inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos patriarcas. Porque os dons (χαρίσματα) e o chamado (κλήσις) de Deus são irrevogáveis.<sup>20</sup>

Quando κλήσις em 1 Coríntios 7:20 é interpretado à luz de κλήσις em Romanos 11:29, a posição que defendemos recebe apoio significativo. Observando a possível correlação entre o κλήσις judeu em 1 Coríntios 7:20 e o irrevogável κλήσις de Israel em Romanos 11:29 (que pode ser visto como um chamado a servir),<sup>21</sup> Adolf von Harnack admite que Paulo em 1 Coríntios 7:17-24 estava encorajando os judeus crentes em Jesus a verem seus estilos de vida no judaísmo como um chamado divino.<sup>22</sup>

<sup>18</sup> Hans Conzelmann, *A Commentary on the First Epistle to the Corinthians*, trans. J. W. Leitch (Hermeneia 36; Philadelphia: Fortress, 1975), 125. Cf. "que cada homem continue na vocação para a qual foi chamado" (C. K. Barrett, *A Commentary on the First Epistle to the Corinthians* [2ª ed.; BNTC; London: A & C Black, 1971], 169); "Que cada um permaneça na vocação para a qual foi chamado" (Raymond F. Collins, *First Corinthians* [SP 7; Collegeville: Liturgical, 1999], p. 274); "Cada um no chamado para o qual foi chamado, deixe-o permanecer nisso" (Braxton, *The Tyranny of Resolution*, 8).

<sup>19</sup> Edward Breuer, "Vocation and Call as Individual and Communal Imperatives," em *Revisiting the Idea of Vocation: Theological Explorations* (Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2004), 42-43. Israel deveria ser uma nação serva, mediando o conhecimento de Deus aos gentios. (Deut. 4:5-8; Ex. 8:10; 9:14; 14:4, 18; 18:11). Os profetas falam extensivamente sobre o assunto da santidade de Israel e sua missão/testemunho (Is. 2:2-4; 41:8; 42:6; 43:10; 44:1-2, 8, 21; 49:3-6; 60:3; 61:6; 62:12; Zc 8:23; 14:16-21). Do período do Segundo Templo, Ex. 19:6 é atestado na correspondência de Pedro (1 Pedro 2:9, cf. v. 5) e nos textos do Mar Morto (4Q504; cf. 4Q491). Filo considera o chamado de Ex. 19:6 como fundamental para a identidade de Israel (Abr. 56, 98; cf. Legat. 3; Mos. 1.149; Praem. 114; Spec. 1.97, 168; QE 2.42). Veja Peder Borgen, "Philo and the Jews in Alexandria", em *Ethnicity in Hellenistic Egypt*, eds. Per Bilde, Troels Engberg-Pedersen, Lise Hannestad e Jan Zahle (Aarhus: Aarhus University, 1992), 135; David Winston, "Philo's Ethical Theory", em ANRW, eds. H. Temporini e W. Haase (Berlim: De Gruyter, 1984), 398-399. Filo compara o papel da nação judaica à riqueza de um rei e a um sacerdote que ministra a uma cidade (Plant. 54-60; Spec. 2.163-67).

<sup>20</sup> Joseph Sievers, "'God's Gifts and Call Are Irrevocable': The Reception of Romans 11:29 through the Centuries and Christian-Jewish Relations," em *Reading Israel in Romans: Legitimacy and Plausibility of Divergent Interpretations*, (Harrisburg: Trinity Press International, 2000), 127-173.

<sup>21</sup> C. E. B. Cranfield (*A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Romans II* [ICC; T&T Clark, 1979], 581) comentando sobre Romanos 11:29, "Por η κλήσις aqui podemos entender o chamado de Deus para Israel ser seu povo especial, ter um relacionamento especial com Ele e cumprir uma função especial na história. Compare o uso de κλητός por Paulo em conexão com seu próprio chamado para ser um apóstolo (I.I)." A associação de "dons" com "chamado" de Rom. 11:29 apóia o argumento de que κλήσις é uma eleição para o ministério juntamente com a filiação. Os dons mencionados em Rom. 3:1-2 e 9:4-5 (comumente reconhecidos como antecedentes do τὰ χαρίσματα de Rom. 11:29) permitem que Israel cumpra seu chamado para o serviço. Eles equipam e capacitam a nação judaica para ser um reino de sacerdotes e uma nação santa.

<sup>22</sup> Adolf von Harnack, *The Date of the Acts and of the Synoptic Gospels*, trad. J.R. Wilkinson (NTS 4; New York: Williams & Norgate, 1911), 47.

## O circuncidado deve permanecer circuncidado

A ideia de uma vocação judaica encontra mais suporte exegético no mandamento de Paulo aos judeus crentes no versículo 18:  $\mu\eta\ \epsilon\pi\iota\sigma\pi\acute{\alpha}\sigma\theta\omega$  ("permanecer circuncidado" / de um ponto de vista metonímico: não seja assimilado pelos gentios e não se torne como eles).<sup>23</sup> A linguagem gráfica é provavelmente uma alusão a 1 Mac. 1:11-15 (100 aC), onde a expressão "permanecer circuncidado" está relacionada à desjudaização dos judeus e à adoção dos costumes dos gentios, o que levou ao colapso do sistema de distinção judeu-gentio:

Nessa época, saíram também de Israel uns filhos perversos que seduziram a muitos outros, dizendo: “Vamos e façamos uma aliança com os povos que nos cercam, porque, desde que nos separamos deles, caímos em infortúnios sem conta”. Semelhante linguagem pareceu-lhes boa e houve entre o povo quem se apressasse a ir ter com o rei, o qual concedeu a licença de adotarem os costumes pagãos. Edificaram em Jerusalém um ginásio, como os gentios. Dissimularam os sinais da circuncisão e afastaram-se da aliança com Deus para se unirem aos gentios. E se venderam para praticar o mal (1 Mac. 1:12-17)

Deve-se notar que a expressão "dissimularam os sinais da circuncisão" (1 Mac. 1:17) é imediatamente seguida pelas palavras que eles se afastaram da aliança. As duas estão inter-relacionadas, pois a circuncisão é usada como metonímia para a vida judaica, visto que se relaciona com a lei, a aliança e os costumes.<sup>24</sup>

No primeiro século, Filo faz a mesma correlação colocando a circuncisão no início de sua discussão sobre as leis especiais (cf. 1 Mac 1.48, 60-61; 2.46; 2 Mac 6.10; Josefo, Ant. 13.257-58, 318; Jub. 15.25-34). James Dunn explica:

---

<sup>23</sup> "Para permanecer circuncidado... Paulo não está falando aqui apenas sobre uma operação cirúrgica de um tipo ou outro. O judeu crente continua sendo judeu, com sua forma determinada de ouvir" (Barrett, A Commentary on the First Epistle to the Corinthians, 168). Gundry-Volf contribui com uma interpretação metonímica de  $\mu\eta\ \epsilon\pi\iota\sigma\pi\acute{\alpha}\sigma\theta\omega$  (Judith M. Gundry-Volf, "Beyond Difference? Paul's Vision of a New Humanity in Galatians 3.28," in Gospel and Gender: A Trinitarian Engagement with being Male and Female in Christ, ed. Douglas A. Campbell [London: T&T Clark, 2003], 19). Veja também Richard B. Hays, First Corinthians (Interpretation; Louisville: John Knox, 1997), 122; Fee, 312n. 27; Conzelmann, A Commentary on the First Epistle to the Corinthians, 126 n. 10. Contra Winter, que argumenta que 1 Cor 7:20 se refere à operação do episplasma (Bruce W. Winter, Seek the Welfare of the City: Christians as Benefactors and Citizens [Grand Rapids: Eerdmans, 1994], 146-164). No entanto, Winter não oferece nenhuma evidência direta de que o episplasma (a operação para reverter a circuncisão) era uma prática comum o suficiente no primeiro século para que Paulo tivesse que fazer disso "uma regra para todas as igrejas" (v. 17), proibindo a referida intervenção cirúrgica. . Mais recentemente, Braxton (The Tyranny of Resolution, 165-170) defendeu uma leitura não metonímica de  $\mu\eta\ \epsilon\pi\iota\sigma\pi\acute{\alpha}\sigma\theta\omega$ , mas com ainda menos evidências do que Winter. Deve-se notar que posições metonímicas e não metonímicas não são mutuamente exclusivas. Uma interpretação metonímica de 1 Cor. 7:20 incluiria o episplasma entre as várias maneiras pelas quais os judeus poderiam assimilar identidades e estilos de vida não-judaicos. Mesmo que Winter e Braxton estivessem certos, o princípio básico no contexto de 1 Cor. 7:17-24 é o mesmo: Os judeus devem permanecer em sua vocação como judeus e não assumirem a vocação dos gentios.

<sup>24</sup> Como Josefo reconta 1 Mac 1:12-17 destaca esta interconexão. De acordo com Josefo, "...eles estavam ansiosos para deixar as leis de seu país e o modo de vida judaico, e seguirem as leis do imperador e o modo de vida grego: é por isso que eles queriam sua permissão para construir um ginásio em Jerusalém. E quando ele lhes deu permissão, eles esconderam a circuncisão de seus órgãos genitais, de modo que, mesmo quando estavam nus, pareciam ser como os gregos. Da mesma forma, eles abandonaram todos os costumes que pertenciam ao seu próprio país e imitaram as práticas de outras nações" (Josefo, Ant. 12:240-241).

A circuncisão não era apenas um ato isolado de obediência à lei. Era o primeiro ato de adesão plena e obrigação à aliança. "Circuncisão" poderia ser usada metaforicamente para representar todo um povo precisamente porque caracterizava toda a existência de um povo, uma forma completa de vida. Assim como os cristãos de hoje falam de uma "vida batismal", poderíamos falar de uma "vida de circuncisão".<sup>25</sup>

Como Filo, Paulo vê a circuncisão em termos metonímicos. Ele divide a humanidade em dois grupos: os circuncisos e os incircuncisos (Gl 2:7-9; 26 5:3; Rm 2:25-27; 3:30; 4:9-16; 15:8; Fp 3:3; cf. Ef. 2:11; Cl 3:11; 4:11).<sup>27</sup> Rom 2:25 e Gal 5:3 confirmam que Paulo conectou a ideia da circuncisão com o cumprimento da lei. Em Rom 2:25 - "A circuncisão, sem falta, é benéfica, se você cumprir a Lei, mas se você quebrar a Lei, sua circuncisão (περιτομή) torna-se incircuncisão (ἀκροβυστία)."<sup>28</sup> – Paulo descreve a circuncisão como sendo inteiramente relacionada ao cumprimento da lei (identidade judaica) e o não cumprimento da lei aponta para a incircuncisão (identidade gentia). A circuncisão é incompleta sem uma vida circuncidada.

Em Gálatas 5:3, Paulo afirma a mesma coisa, em linguagem muito mais explícita - "E eu testifico mais uma vez a todo homem que recebe a circuncisão (περιτεμομένῳ) que ele é obrigado a cumprir toda a Lei (ὅλον τὸν νόμον)" - Paulo usa a circuncisão aqui como linguagem metonímica para cumprir todos os mandamentos de Deus. O apóstolo defende o entendimento judaico dos tempos do Segundo Templo de que a circuncisão ritual inicia uma pessoa na aliança. As responsabilidades da aliança (detalhadas na lei) obrigam os circuncisos a segui-las.<sup>29</sup> Como Dunn coloca, "o estilo de vida judaico era um pacote completo" (cf. Mateus 5:18-19; Tiago 2: 10).<sup>30</sup> Seguindo essa linha de pensamento, Dieter Mitternacht argumenta que Gálatas 5:3 deve ser lido diretamente como dizendo que "todo aquele que é circuncidado (incluindo Paulo) é obrigado a guardar toda a lei".<sup>31</sup> As palavras de Paulo parecem deixar entendido que ele estava vivendo a vida circuncidada. Caso contrário, suas palavras não teriam poder:

---

<sup>25</sup> James D. G. Dunn, "Neither Circumcision nor Uncircumcision, but...(Gal 5.2-12; 6.12-16; cf. 1 Cor 7.17-20)," em *La Foi Agissant par L'amour (Galates 4,12-6,16)* (Rome: Benedictina, 1996), 86. Cf. James D. G. Dunn, "What was the issue between Paul and 'Those of the Circumcision?'" em *Paulus und das antike Judentum*, (Tübingen: Mohr-Siebeck, 1991), 297.

<sup>26</sup> A distinção entre identidade judaica e gentia em Cristo é tão importante que Paulo poderia falar do "Evangelho para os incircuncisos" (τὸ εὐαγγέλιον τῆς ἀκροβυστίας) e "Evangelho para os circuncisos" (τῆς περιτομῆς) (Gal. 2: 7), ao contrário de Walker, que contesta que Paulo foi o autor dessas palavras (William O. Walker, "Galatians 2:7b-8 as a Non-Pauline Interpolation", *The Catholic Biblical Quarterly* 65 [2003]: 580). Esses dois evangelhos podem refletir os estilos de vida registrados em 1 Coríntios. 7:18.

<sup>27</sup> A inclusão de Paulo de mulheres na categoria de pessoas circuncidadas ajuda a apoiar o argumento para uma interpretação metonímica de 1 Coríntios 7:18. Para uma discussão baseada na identidade da aliança nas mulheres judias, veja Shaye J. D. Cohen, *Why Are Not Jewish Women Circumcised? Gender and Covenant in Judaism* (Los Angeles: University of California Press, 2005), 111-142.

<sup>28</sup> Joel Marcus, "The Circumcision and the Uncircumcision in Rome," *New Testament Studies* 35 (1989): 76.

<sup>29</sup> Shaye J. D Cohen, *The Beginnings of Jewishness: Boundaries, Varieties, Uncertainties* (Berkeley: University of California Press, 1999), 218-219, 324-325.

<sup>30</sup> Dunn, "Neither Circumcision nor Uncircumcision," 88.

<sup>31</sup> Dieter Mitternacht, "Foolish Galatians?—A Recipient-Oriented Assessment of Paul's Letter," in *The Galatians Debate: Contemporary Issues in Rhetorical and Historical Interpretation* (Peabody: Hendrickson, 2002), 409. Mark D. Nanos, "Paul and Judaism: Why Not Paul's Judaism?" em *Paul Unbound: Other Perspectives on the Apostle*, ed. Mark D. Given (Peabody: Hendrickson, 2010), 151-152.



“Se os gálatas não tivessem conhecido Paulo como um judeu que cumpria a lei, a retórica de 5:3 não teria qualquer relevância: “E eu testifico mais uma vez a todo homem que recebe a circuncisão que ele é obrigado a cumprir toda a Lei”. Caso contrário, eles poderiam ter simplesmente respondido: “Mas nós só queremos o que você tem: identidade judaica, sem a obrigação de cumprir ‘toda a lei’”.”<sup>32</sup>

Apesar do contexto do período do Segundo Templo, Harnack entendeu "o governo de Paulo em todas as igrejas" (v. 17b) - *μη ἐπισπάσθω* (não seja assimilado e não se torne como os gentios) - como uma instrução imperativa para "permanecer fiel aos costumes e ordenanças recebidos de seus pais."<sup>33</sup> Uma vez que a lei era fundamental para a identidade judaica,<sup>34</sup> Harnack concluiu que Paulo implicitamente encorajou os crentes judeus a continuarem guardando a lei. Na opinião de Harnack,

o crente judeu deve guardar a lei porque nela está o modo de vida que Deus planejou para ele. Portanto, toda a lei continua a existir como costume e ordenança para os crentes de nacionalidade judaica.<sup>35</sup>

A interpretação de Harnack de 1 Cor. 7:18 e 20 é reforçado pelo uso de Paulo da linguagem nomística (relacionada à lei) em 1 Cor. 7:19b - "mas guardando os mandamentos de Deus" (*ἀλλὰ τήρησις ἐντολῶν θεοῦ*)<sup>36</sup> - como argumentado por Peter Tomson:

Concluo que a observância de diferentes conjuntos de mandamentos por crentes judeus e gentios era um princípio básico na atividade missionária de Paulo, e ele deixou claro em sua regra: “A circuncisão nada é e a incircuncisão nada é, mas sim a observância dos mandamentos de Deus.”<sup>37</sup>

<sup>32</sup> Mark D. Nanos, *The Galatians Debate: Contemporary Issues in Rhetorical and Historical Interpretation* (Peabody: Hendrickson, 2002), 405. Veja também Mark D. Nanos, “Rethinking the 'Paul and Judaism' Paradigm” (paper apresentado no Yale Post-Grad Seminar, 3 de março de 2005), 21; Markus Bockmuehl, *Jewish Law in Gentile Churches: Halakhah and the Beginning of Christian Public Ethics* (Edimburgo: T & T, 2000), 171.

<sup>33</sup> Harnack, *The Date of the Acts*, 43.

<sup>34</sup> Carl R. Holladay, “Paul and His Predecessors in the Diaspora: Some Reflections on Ethnic Identity in the Fragmentary Hellenistic Jewish Authors,” in *Early Christianity and Classical Culture: Comparative Studies in Honor of Abraham J. Malherbe*, eds. John T. Fitzgerald, Thomas H. Olbright și L. Michael White (Leiden: Brill, 2003), 456-457; James D. G. Dunn, *Jesus, Paul and the Law: Studies in Mark and Galatians* (Louisville: Westminster/John Knox, 1990), 179-181, 221.

<sup>35</sup> Harnack, *The Date of the Acts*, 44. Harnack argumentou que as promessas de Deus para a nação judaica ainda eram válidas da perspectiva de Paulo (Romanos 11:12-15, 25-27) (Adolf von Harnack, *The Acts of the Apostles*, trad. J. R. Wilkinson [NTS 3; New York: Williams & Norgate, 1909], 282, 288; Harnack, *The Date of the Acts*, 46). Judeus crentes em Jesus deveriam viver o chamado de Israel para ser uma nação sacerdotal e servir como condutores de bênçãos espirituais para os gentios (Rm 15:27). Os judeus tinham que continuar a respeitar a lei, a fim de cumprir o chamado escatológico de Israel: “porque se a nação não continuar a cumprir suas leis, então não é mais uma nação judaica; e, conseqüentemente, agora não há nação para a qual a promessa especial pertencente à nação judaica possa ser cumprida. Assim, a vida deve continuar de acordo com a lei” (Harnack, *The Date of the Acts*, 51).

<sup>36</sup> Thielman mostrou que a expressão “obedecer aos mandamentos de Deus” (*τήρησις ἐντολῶν θεοῦ*) aparece sendo utilizada na literatura do segundo templo tendo seu significado constante de “cumprir/observar a lei de Moisés” (Frank Thielman, “The Coherence of Paul’s View of the Law: The Evidence of First Corinthians,” *New Testament Studies* 38 [1992]: 237-240).

<sup>37</sup> Peter J. Tomson, “Paul’s Jewish Background in View of His Law Teaching in 1 Cor 7”, em *Paul and the Mosaic Law*, ed. James D. G. Dunn (Grand Rapids: Eerdmans, 2001), 267-268. Veja também Peter J. Tomson, *Paul and the Jewish Law: Halakha in the Letters of the Apostle to the Gentiles* (Minneapolis: Fortress, 1990) para evidências sobre o raciocínio haláxico em 1 Cor. 7-10. Muitos eruditos chegaram às mesmas conclusões de Thomson: “Está claro que Paulo, ao longo de sua vida, continuou a praticar o judaísmo: e ele esperava que seus convertidos judeus fizessem o mesmo, cf. 1 Cor. 7:18...” (W. L. Knox, *St. Paul and the Church of Jerusalem* [Cambridge: Cambridge University Press, 1925], 122 n. 54); “Paulo guardou a lei, de maneira farisaica, durante toda a sua vida. Em 1 Cor. 7:18, ele sugere que a obediência à lei é seu dever...” (W. D. Davies, *Paul and Rabbinic Judaism: Some Rabbinic Elements in Pauline Theology* [Philadelphia: Fortress, 1980], 70); “Paulo esperava que aqueles de seus convertidos que eram judeus praticassem o judaísmo e guardassem suas leis (1 Coríntios 7:19), e esperava o mesmo dele. Qualquer outra coisa teria sido hipocrisia: somente aos discípulos gentios de Yeshua as leis finitas da Torá não se aplicavam, pelo menos não na íntegra” (Donald H. Akenson, *Saint Paul: A Skeleton Key to the Historical Jesus* [Oxford: Oxford University Press, 2000], 252); “Paulo em nenhum lugar sugere que os judeus deveriam rejeitar a observância da Torá, e de fato parece presumir que eles deveriam permanecer comprometidos com seu cumprimento” (1 Cor. 7:17-20; cf Gal. 5:3; Atos. 21:17-24)” (Douglas Harink, *Paul among the Postliberals: Pauline*

Em apoio aos argumentos de Tomson, é importante notar que "guardar os mandamentos de Deus é semelhante à exortação dirigida aos coríntios para se comportarem de acordo com o chamado de Deus (v. 17)"<sup>38</sup> Se κλήσει (o chamado a um certo estilo de vida) era diferente para um judeu e um gentio (1 Coríntios 7:18-20), é plausível que Paulo, um judeu do primeiro século de origem farisaica, entendesse que os mandamentos de Deus para judeus e gentios eram e são diferentes.<sup>39</sup>

Desta forma, chego à conclusão de que Paulo, em 1 Coríntios 7:18 - μὴ ἐπισπάσθω ("permaneça circuncidado"), estava instruindo os crentes judeus em Jesus, que continuassem vivendo a vida circuncidada como uma questão de chamado, em vez de assimilarem o estilo de vida gentio (1 Coríntios 7:17-20).

### A indiferença de Paulo à diferenciação judaica

Mas e quanto a 1 Cor. 7:19a, onde Paulo diz: "A circuncisão não é nada (οὐδέν) e a incircuncisão nada é (οὐδέν)"<sup>40</sup> Neste contexto, Paulo sugere que a identidade judaica é colocada em um nível de relatividade tão grande que tudo se torna indiferente em Cristo. David Horrell argumenta que o termo "nada" aponta para a ideia de falta de importância.<sup>41</sup> Mas, dado o contexto em 1 Cor. 7:19, é muito mais provável que οὐδέν seja "estritamente relacionado à salvação"<sup>42</sup>, isto é, "nem a circuncisão, nem a sua ausência, tem a última palavra a dizer quando se trata de salvação".<sup>43</sup> Portanto, quando falamos sobre nosso status diante de Deus e da bênção escatológica, ser judeu ou gentio é irrelevante.

---

Theology Beyond Christendom and Modernity [Grand Rapids: Brazos, 2003], 219); "Em 1 Coríntios 7:17-20, o próprio apóstolo deixa claro que sua 'regra para todas as igrejas' é que os judeus observem a Torá (de fato, Gal. 5:3 também pode significar que eles estão obrigados a isso) , e para os gentios cumprirem o que lhes cabe - e apenas isso. Em qualquer caso, o que importa são os mandamentos de Deus aplicáveis" (Bockmuehl, *Jewish Law in Gentile Churches*, 170-171); Gudrund Holtz, *Damit Gott sei alles in allem: Studien zum paulinischen und frühjüdischen Universalismus* (Berlin: de Gruyter, 2007), 247-250.

<sup>38</sup> Collins, *First Corinthians*, 284.

<sup>39</sup> Quais são os "mandamentos de Deus" para os crentes gentios? Dado o fato de Lucas descrever Paulo entregando o decreto apostólico aos crentes gentios, bem como a probabilidade de Paulo ter escrito 1 Coríntios após a decisão do Concílio de Jerusalém em Atos 15 (Atos 18:1-18), é razoável assumir (de uma perspectiva canônica) que "cumprir os mandamentos de Deus" para os gentios incluía a responsabilidade de "guardar os decretos dos apóstolos" (φυλάσσειν τὰ δόγματα [Atos 16:4]), os quatro "decretos" (ἐπιτάξεις) listados no decreto apostólico (Atos 15:28, 21:25). Uma dessas "regras/requisitos" era "abster-se do que havia sido sacrificado aos ídolos" (εἰδωλοθύτων). As instruções de Paulo em 1 Cor. 8:1-11-11:1 pode ser interpretado como significando que aqueles que eram crentes em Corinto deveriam se abster do que sabiam ser comida sacrificada a ídolos. Marcel Simon considera 1 Cor. 8:1-11:1 para "representar uma espécie de comentário sobre o decreto" ("The Apostolic Decree and its Setting in the Ancient Church", em *Le Christianisme Antique et son contexte religieux: Scripta Varia II* [Tübingen: Mohr-Siebeck, 1981], 429-430). Notavelmente, este não é um insight recente. Os pais da igreja primitiva leram Paulo "à luz do decreto, que deveria ter plena autoridade dos apóstolos" (John C. Brunt, "Rejected, Ignored, or Misunderstood? The Fate of Paul's Approach to the Problem of Food Offered to Idols in Early Christianity," *New Testament Studies* 31 [1985]: 113-124).

<sup>40</sup> Cf. Gal. 5:6; 6:15.

<sup>41</sup> David G. Horrell, "'No Longer Jew or Greek': Paul's Corporate Christology and the Construction of Christian Community," em *Christology, Controversy and Community: New Testament Essays in Honour of David R. Catchpole*, eds. David G. Horrell and Christopher M. Tuckett (Leiden: Brill, 2000), 343; David G. Horrell, *Solidarity and Difference: A Contemporary Reading of Paul's Ethics* (London: T&T Clark, 2005), 18, 260 n. 50.

<sup>42</sup> Conzelmann, *A Commentary on the First Epistle to the Corinthians*, 126.

<sup>43</sup> Collins, *First Corinthians*, 284. De asemenea, J. Brian Tucker, "Negotiated Identity and Paul's Rhetoric: The Use of Social Identity and Self-Categorization Theory in the Corinthian Correspondence to Support the Pauline Mission," *Centre for Rhetoric and Hermeneutics and the New Testament Rhetoric Project*, Redlands, CA, January 19-20, 2007, 17; Campbell, *Paul and the Creation of Christian Identity*, 91-93; Mark S. Kinzer, *Postmissionary Messianic Judaism: Redefining Christian Engagement with the Jewish People* (Grand Rapids: Brazos, 2005), 72-75; Tomson, "Paul's Jewish Background in View of His Law Teaching in 1 Cor. 7," 266; Pamela Eisenbaum, "Is Paul the Father of Misogyny and Antisemitism?" *Cross Currents* 50 (2000-01): 515; Thiselton, *The First Epistle to the Corinthians*, 550; Carol J. Schlueter, *Filling Up the Measure: Polemical Hyperbole in 1 Thessalonians 2.14-16* (JSNTSS 98; Sheffield: JSOT Press, 1994), 126f.

O que quero argumentar é que Paulo usa hipérbole nessas passagens para enfatizar que estar "em Cristo" é mais importante do que ser judeu. Isso significa que ser judeu ainda pode ser muito importante para Paulo.<sup>44</sup> Ele apenas relativiza a relação entre A e B. Em apoio a esta leitura de 1 Cor. 7:19b, há vários casos em que Paulo usa em sua linguagem o termo "nada" (οὐδέν ou οὔτε... τι) com claras conotações hiperbólicas. Primeiro, em referência à obra de implantação da igreja em Corinto, Paulo descreve a si mesmo como nada comparado ao Senhor:

Quem é Paulo? E quem é Apolo? Alguns servos de Deus por quem vocês acreditaram; e cada um conforme a força que lhe foi dada pelo Senhor. Eu plantei, Apolo regou, mas Deus o fez crescer, de modo que nem o que planta nem o que rega são nada, mas Deus, que o faz crescer (1Cor 3:5-7).

Paulo e Apolo realmente não eram nada? Eles realmente não fizeram nada de importante? Pelo contrário, seus trabalhos foram vitais para o estabelecimento da congregação coríntia. Mas comparado ao que Deus fez, o milagre de mudar vidas, o trabalho deles não foi nada. Da mesma forma, Paulo escreve em 2 Cor. 12:11, "Fui insensato, mas vocês me obrigaram a isso. Mas vocês deveriam ter me elogiado, porque, embora eu não seja nada (οὐδέν), em nada fui inferior a esses 'super apóstolos'." Novamente, era Paulo - o apóstolo dos gentios - "nada"? Ou ele está dizendo que em relação ao Senhor ele não é nada, embora em relação aos super apóstolos ele seja alguma coisa?

Outro exemplo em que Paulo coloca duas importantes obras de Deus em relação relativística é 2 Coríntios. 3:6-11. Aqui, Paulo contrasta a glória do ministério de Moisés com a obra do Espírito Santo. Embora Deus tenha realizado milagres por meio de Moisés, cujo ministério não tem paralelo na história, Paulo fala de seu ministério como não tendo glória agora, pois "neste aspecto, o que foi glorificado não foi glorificado, por causa da glória que muito excede". Tudo isso empalidece em comparação. Além disso, Paulo usa um argumento a fortiori três vezes para comparar as experiências da presença e do poder de Deus na antiga e na nova aliança (vv. 8, 9, 11). Ambas são revelações verdadeiramente gloriosas do Deus de Israel, mas uma é mais gloriosa que a outra. Para destacar a "glória que excede em muito", Paulo usa uma linguagem que minimiza a revelação no Sinai. Mas é errado ver isso como banalização da glória da antiga aliança.<sup>45</sup> Em vez disso, é uma ferramenta retórica destinada a enfatizar a glória do maior. Ele se refere a algo realmente importante para destacar algo ainda mais importante. É provável que Paulo use o mesmo dispositivo retórico quando se refere à circuncisão e incircuncisão, que ele caracteriza como "nada".

---

<sup>44</sup> Wayne A. Meeks, "The Christian Proteus," em *The Writings of St. Paul: A Norton Critical Edition*, ed. Wayne A. Meeks (New York: W. W. Norton & Co., 1972), 442; William S. Campbell, "The Crucible of Christian Identity: Paul Between Synagogue and State" (The British New Testament Conference, Birmingham, 2003).

<sup>45</sup> Scott Hafemann, *Paul, Moses, and the History of Israel: The Letter/Spirit Contrast and the Argument from Scripture in 2 Corinthians 3* (WUNT 81; Tübingen: Mohr-Siebeck, 1995), 321-327.

Em segundo lugar, o modo de expressão de Paulo (οὐδὲν...ἀλλὰ) em 1 Cor 7:19 é consistente com o idioma judaico da negação dialética, onde as antíteses “‘não...mas...’ não devem ser entendidas como 'ou...ou', mas sim como 'mais importante que'”.<sup>46</sup> Vamos analisar, por exemplo, a maneira como o profeta Oséias faz o mesmo tipo de afirmação comparativa hiperbólica, quando fala em nome do Senhor: “Pois desejo bondade, não sacrifício, e o conhecimento de Deus mais do que holocaustos!”(Oséias 6:6). Os sacrifícios eram importantes porque o Senhor os ordenava, mas a “bondade” era ainda mais importante. Para enfatizar isso, o Senhor afirma que não quer sacrifícios. Sua declaração negativa deve ser considerada uma hipérbole; é uma ferramenta retórica da língua hebraica. Uma variação disso é encontrada na Carta 234 de Aristeas. Veja também Marcos 2:17 e 7:15.<sup>47</sup>

Num terceiro ponto, a linguagem que Paulo utiliza em Gálatas contra a circuncisão, destinada aos gentios, pode ser interpretada como uma defesa da separação entre judeus e gentios. A forte oposição de Paulo à circuncisão revela o seu empenho em manter a distinção entre estas duas categorias, e constitui um argumento poderoso contra a ideia de que Paulo estivesse a promover a homogeneização da humanidade.<sup>48</sup>

Consistente com sua regra para todas as igrejas em 1 Cor. 7:17-24, Paulo refere-se a “judeus” e “gentios” (gregos) em suas epístolas.<sup>49</sup> Paulo repreendeu Pedro por se recusar a comer com os crentes gentios em Jesus (Gálatas 2:12) e o lembrou que ele era judeu (Gálatas 2:14). Em Colossenses 4:10-11, Aristarco, Marcos e Justo são descritos como os únicos circuncisos entre os colaboradores de Paulo no reino de Deus, enquanto Tito é referido como grego (Gálatas 2:3). Em Romanos 11:13, Paulo escreve diretamente para os gentios. Tudo isso indica que, para Paulo, a distinção entre judeus e gentios é preservada em vez de apagada em Cristo.<sup>50</sup> Ele aceita e até insiste em preservar as diferenças como marcadores de identidade étnica enquanto as despoja de significado soteriológico.”<sup>51</sup>

## Paulo e o Concílio de Jerusalém

O retrato que Lucas faz de Paulo acrescenta peso canônico à interpretação acima da “regra de Paulo para todas as igrejas”. O livro de Atos descreve Paulo afirmando que (1) os gentios que crêem em Cristo não devem guardar a Torá como prosélitos (Atos 15:1-5, 22-31) e (2) os crentes judeus em Jesus não devem ser assimilados aos gentios (Atos 21:20-26).

---

<sup>46</sup> Dunn, *Jesus, Paul and the Law*, 51. Cf. E. P. Sanders, *Jesus and Judaism* (Philadelphia: Fortress, 1985), 260-264; Roger P. Booth, *Jesus and the Laws of Purity: Tradition History and Legal History in Mark 7* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1986), 69-70; Jonathan Klawans, *Impurity and Sin in Ancient Judaism* (Oxford: Oxford University Press, 2000), 147.

<sup>47</sup> Klawans, *Impurity and Sin in Ancient Judaism*, 147; David J. Rudolph, “Jesus and the Food Laws: A Reassessment of Mark 7:19b,” *Evangelical Quarterly* 74:4 (2002): 297-298.

<sup>48</sup> Eisenbaum, “Is Paul the Father of Misogyny and Antisemitism?” 518; Mark D. Nanos, *The Mystery of Romans: The Jewish Context of Paul's Letter* (Minneapolis: Fortress, 1996), 116 n. 84. “Paulo considerava a circuncisão como um “sinal fundamental do judaísmo”. James D. G. Dunn, “The Jew Paul and His Meaning for Israel,” em *A Shadow of Glory: Reading the New Testament after the Holocaust*, ed. Tod Linafelt (New York: Routledge, 2002), 209; James D. G. Dunn, “Who Did Paul Think He Was? A Study of Jewish-Christian Identity,” *New Testament Studies* 45 (1999): 189-190; Dunn, “Neither Circumcision nor Uncircumcision,” 82.

<sup>49</sup> Para uma discussão sobre o termo “grego”, veja Christopher D. Stanley, “‘Neither Jew Nor Greek’: Ethnic Conflict in Graeco-Roman Society,” *Journal for the Study of the New Testament* 64 (1996): 101-124.

<sup>50</sup> Denise K. Buell, *Why This New Race: Ethnic Reasoning in Early Christianity* (New York: Columbia University Press, 2005), 76; Denise K. Buell and Caroline J. Hodge, “The Politics of Interpretation: The Rhetoric of Race and Ethnicity in Paul,” *Journal of Biblical Literature* 123 (2004): 247-250; Kathy Ehrensperger, *Paul and the Dynamics of Power: Communication and Interaction in the Early Christ-Movement* (LNTS 325; London: T&T Clark, 2007), 192-193.

<sup>51</sup> Gundry-Volf, “Beyond Difference?” 21.

Lucas mostra que a posição de Paulo foi adotada no Concílio de Jerusalém, e então foi-lhe confiada a tarefa de transmitir o "decreto" apostólico, suas "exigências", a várias igrejas, para que as respeitassem (Atos 15:28 ; 16:4). Seis capítulos depois, em Atos. 21:25, Lucas mostra que a decisão do Concílio de Jerusalém é aplicável a todos os gentios fiéis a Jesus. A evidência patrística indica que o "decreto apostólico" (como veio a ser chamado) foi amplamente observado na Igreja Católica.<sup>52</sup>

Quais são as implicações do decreto do conselho descrito em Atos 15? Esta é uma questão que tem sido amplamente negligenciada pelos teólogos. Os apóstolos e anciãos de Jerusalém decidiram que os "gentios" (ἀδελφοίς τοῖς ἐξ ἔθνῳν) deveriam ser isentos da obrigação da circuncisão (Atos 15:23). Não havia necessidade dos gentios se tornarem judeus e viverem a vida da circuncisão para serem salvos. Ao mesmo tempo, a decisão do concílio de Jerusalém não deu nenhuma indicação de que os judeus crentes em Jesus estariam isentos das responsabilidades da aliança judaica. Como aponta F. Scott Spencer, “os representantes na conferência de Jerusalém — incluindo Paulo — concordaram apenas em isentar os crentes gentios da obrigação da circuncisão; a possibilidade de cancelar as dívidas específicas da aliança para os discípulos judeus nunca foi considerada.”<sup>53</sup> Se os líderes em Jerusalém tivessem visto a circuncisão como opcional para os judeus, não haveria sentido em debater a questão de isentar os gentios dessa obrigação ou enviar cartas aos gentios esclarecendo a situação. Michael Wyschogrod observa corretamente que ambos os lados no Concílio de Jerusalém compartilharam essa suposição - que a circuncisão e o cumprimento da Torá permaneceram obrigatórios para os judeus crentes em Jesus:

Deste episódio [Atos 15], podemos tirar uma conclusão clara. Por um lado, havia aqueles que acreditavam que os gentios crentes em Jesus deveriam ser circuncidados e obedecer plenamente à Torá como parte da conversão a Jesus Cristo. Por outro lado, outros na comunidade de judeus crentes em Jesus que viviam em Jerusalém acreditavam que os gentios não precisavam ser circuncidados, em vez disso, a fé em Jesus e uma versão dos mandamentos de Noé eram suficientes. Mas é claro que ambos os lados concordaram que a circuncisão e a observância da Torá permaneceram obrigatórias para os crentes judeus em Jesus, pois, se não fosse esse o caso, não haveria sentido em debater a obrigação ou não da circuncisão para os crentes não judeus. Tal debate só poderia surgir se ambos os lados concordassem com o significado da lei mosaica para os judeus. A discordância tinha a ver com a aplicabilidade dessa lei aos gentios. Mas ambos os lados concordaram que os judeus que professavam a fé em Jesus permaneciam obrigados a circuncidar-se e observar a lei mosaica. O veredicto do primeiro concílio de Jerusalém é que a Igreja é composta de dois segmentos, unidos pela fé em Jesus.<sup>54</sup>

---

<sup>52</sup> Richard Bauckham, “James and the Jerusalem Church,” em *The Book of Acts in its Palestinian Setting*, ed. Richard Bauckham (Carlisle: The Paternoster Press, 1995), 464; Richard Bauckham, “James and the Jerusalem Community,” em *Jewish Believers in Jesus: The Early Centuries*, ed. Oskar Skarsaune (Peabody: Hendrickson, 2007), 74-75; Tomson, *Paul and the Jewish Law*, 178.

<sup>53</sup> F. Scott Spencer, *Acts* (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997), 159. Eu interpreto Atos. 15:10-11 como significando que os judeus experimentam a bênção soteriológica "através da graça do Senhor Jesus Cristo" e não através do cumprimento da Torá de acordo com os padrões do sistema de regras farisaico (halacha). (Observe o contexto farisaico dos requisitos em Atos 15). Não se segue que Pedro considerasse os crentes judeus em Jesus isentos das responsabilidades da aliança judaica estipulada na Torá, ou que ele considerasse essas responsabilidades necessárias para a salvação. Ele pode tê-los visto como mandamentos de Deus para os judeus, cujo cumprimento não tinha relação direta com a salvação. Da mesma forma, o decreto apostólico enumera uma série de "requisitos" rituais (ἐπίναγκες) para os gentios que acreditavam em Jesus (Atos 15:28-29), mas não há indicação de que eles fossem necessários para a salvação.

<sup>54</sup> Michael Wyschogrod, “Letter to a Friend,” *Modern Theology* 2 (1995): 170-171; Cf. Daniel Marguerat, “Paul and the Torah in the Acts of the Apostles,” in *The Torah in the New Testament: Papers Delivered at the Manchester-Lausanne Seminar of June 2008*, eds. Michael Tait and Peter Oakes (London: T&T Clark, 2009), 111-117; Scot McKnight, “Jesus and James on Israel and Purity,” in *James the Just and Christian Origins*, eds. Bruce Chilton and Craig A. Evans (Leiden: Brill, 1999), 110; Bruce D. Chilton and Jacob Neusner, *Judaism in the New Testament: Practice and Beliefs* (London: Routledge, 1995), 108.

A decisão do concílio de Jerusalém assumiu que os judeus permaneceram (e deveriam permanecer) judeus em relação à "aliança da circuncisão" (Atos 7:8; Gn 17:9-14).<sup>55</sup> Em Atos 21:17-26 - o texto espelho para Atos 15 – este theologoumenon é explicitado.<sup>56</sup> Aqui, Paulo esclarece as coisas, mostrando que os rumores que circulavam sobre ele eram falsos.<sup>57</sup> (sendo assim, ele não ensinou aos judeus a se assimilarem, mas sim a permanecerem fiéis ao seu chamado, assim como ele próprio permaneceu fiel à sua herança judaica e à observância da Torá.<sup>58</sup>

Considerando o relato de Lucas, concluímos que no Novo Testamento existem duas regras universais que instruem os judeus a permanecerem judeus e os gentios a permanecerem gentios (cristãos) - uma delas foi decretada diretamente por Paulo (1 Cor. 7:17-24) e a outra pelos apóstolos em Jerusalém (Atos 15). O envolvimento direto de Paulo na transmissão às igrejas do decreto apostólico (Atos 15:22-16:5) sugeriria mais de uma perspectiva canônica que essas duas regras são na verdade duas expressões apostólicas da mesma regra em princípio.<sup>59</sup> Cristãos consideram o Credo dos Apóstolos e as regras estabelecidas pelos concílios ecumênicos dos séculos IV a IX como os principais padrões de autoridade para a vida e doutrina cristãs. Nesse sentido, aqueles que creem em Jesus hoje devem buscar compreender o significado do governo de Paulo e do decreto do Concílio Apostólico em Jerusalém (judeus não devem “gentilizar”, e gentios não devem “judaizar”) - diretrizes universais que remontam aos primórdios da igreja e que refletem a plena autoridade apostólica.

## As consequências da Igreja não aderir à regra de Paulo

A regra de Paulo instrui o circuncidado a permanecer circuncidado e a não desistir dessa identidade. No entanto, durante a maior parte da história da igreja, a política da igreja era exatamente o oposto - a expectativa para os crentes judeus em Jesus era que eles abandonassem sua identidade judaica e fossem assimilados ao cristianismo gentio. Como exemplo disso, Jerônimo escreveu a Agostinho em 404 DC. - "uma vez que eles [judeus crentes em Jesus] querem ser cristãos e judeus, eles não são nem cristãos nem judeus" (Epist. 112:13; 75:13).

---

<sup>55</sup> Paulo assim circuncida Timóteo, filho de mãe judia, como testemunho do fato de que os judeus deveriam circuncidar seus filhos. Lucas refere-se aos crentes judeus em Jesus chamando-os de "crentes circuncidados" (περιτομῆς) em Atos 10:45 e 11:2.

<sup>56</sup> Em Atos. 21, Tiago antecipa a preocupação de Paulo de que um testemunho público de fidelidade à Torá possa ser mal interpretado pelos crentes gentios em Jesus como significando que eles também deveriam guardar a Torá. Tiago assegura a Paulo que os gentios crentes não entenderão mal, porque "a respeito dos gentios que creram, nós decretamos e escrevemos para eles que se abstenham de coisas sacrificadas a ídolos, de sangue, de animais estrangulados e de fornicação". (Atos 21:25) Aqui, Tiago se refere ao Concílio de Jerusalém em Atos 15, que isentou os gentios de observarem a Torá em sua totalidade: "Tiago compara a necessidade dos judeus de cumprir a lei com a necessidade dos gentios de observar o decreto apostólico (21:25)" (Chris A. Miller, "The Relationship of Jewish and Gentile Believers to the Law between A.D. 30 and 70 in the Scripture" [tese de doutorado, Dallas Theological Seminary, 1994], 142; cf. Bauckham, "James and the Jerusalem Church", 475; Wyschogrod, "Letter to a Friend", 170; Heiner Ganser-Kerperin, *Das Zeugnis Des Tempels. Studien zur Bedeutung des Tempelmotivs im Lukanischen Doppelwerk* [Münster: Aschendorff, 2000], 275 n° 15). Isso é reforçado pelo uso de Lucas de *φιλία* em Atos. 16:4 (referindo-se à observância do decreto apostólico pelos gentios) e em Atos. 21:24 (referindo-se à observância da Torá por Paulo).

<sup>57</sup> De acordo com Atos. 21, Paulo confirma três vezes que sua vida e ensinamentos estão de acordo com a Torá (Atos 24:14-18; 25:8; 28:17). Há também uma circunstância em que ele se refere a si mesmo no presente como um "fariseu" (Atos 23:6).

<sup>58</sup> Rudolph, *A Jew to the Jews*, 55-73.

<sup>59</sup> Conzelmann, *A Commentary on the First Epistle to the Corinthians*, 126 n. 12.

Agostinho respondeu a Jerônimo que "as cerimônias judaicas são ofensivas e fatais para os cristãos, e quem as realiza, seja judeu ou não judeu, está no caminho da perdição" (Epist. 82:18).<sup>60</sup>

Vários concílios regionais e ecumênicos, começando com o Concílio de Elvira em 305 DC, proibiram os cristãos de se associarem com os judeus e observarem as cerimônias judaicas. O Segundo Concílio de Nicéia (787 DC) foi o primeiro concílio ecumênico que explicitamente excluiu da igreja os judeus que acreditavam em Jesus, que continuaram a viver de acordo com a lei (cânon 8). Esperava-se que os judeus que haviam sido batizados renunciassem a todos os laços com a vida judaica, por meio de confissões como:

“A partir de agora, renuncio a todos os ritos e observâncias da religião judaica, detestando todas as suas cerimônias e princípios mais solenes que eu mantinha e seguia no passado. No futuro, não praticarei nenhum rito ou celebração relacionada a ela, nem qualquer costume do meu erro passado, prometendo não procurá-los nem realizá-los.” (De Erwig, Leg. Vis. 12.3.14)<sup>61</sup>

Devido à falha da igreja em obedecer à regra de Paulo, ela se transformou em uma comunidade fragmentada e desunida. A igreja passou a ser composta apenas por gentios, que adotaram uma postura hostil em relação às práticas judaicas, o que jamais foi imaginado por Jesus ou seus apóstolos.

### Uma igreja de judeus e gentios

Markus Barth em 1969 escreveu: “A igreja é a noiva de Cristo somente quando é composta por judeus e gentios juntos. A existência, construção e crescimento da igreja estão intimamente ligados à existência, estrutura e crescimento conjuntos de judeus e gentios”.<sup>62</sup> Por que? Porque a igreja é uma prolepse de Israel e das nações no eschaton. A interdependência e bênção mútua entre judeus e gentios reflete a razão da existência da igreja e antecipa a consumação do casamento celestial, quando Israel e as nações, na unidade e diversidade definidas pela Torá, adorarão somente ADONAI. Como George Howard afirmou em 1979, uma igreja formada por judeus e gentios testemunha a existência de um Deus e seu plano de salvação:

O evangelho, conforme pregado por Paulo, exigia uma contínua distinção étnica entre judeus e gentios, de modo que... [ADONAI], o Deus dos judeus, pudesse ser conhecido por judeus e gentios como o Deus de todas as nações... Certamente, isso é seu ponto de vista em Rom. 3:29-30, onde ele diz: "Ou, talvez, Deus é apenas o Deus dos judeus? Não é também dos gentios? Sim, também é dos gentios, porque Deus é um". Seu ponto é este: se Deus é um, Ele deve ser o Deus tanto de Israel quanto dos gentios. A crença em... [ADONAI] como o único Deus universal exigia o reconhecimento mútuo entre judeus e gentios de que ambos pertenciam ao mesmo Deus. Podemos até ir mais longe e dizer que qualquer tentativa de qualquer um dos lados de erradicar a natureza étnica e cultural do outro mundo destruiria o conceito particular de Paulo sobre a unidade entre judeus e gentios. Em Romanos 11, Paulo descreve Deus liderando Israel e as nações de tal forma

---

<sup>60</sup> Agostinho afirmou que Paulo teria vivido em uma era de transição na qual Deus permitiu que os judeus crentes em Jesus permanecessem judeus em honra da "autoridade divina e da santidade profética dos sacramentos" (Epist. 82).

<sup>61</sup> James Parkes, *The Conflict of the Church and the Synagogue: A Study in the Origins of Antisemitism* (New York: Atheneum, 1985), 395.

<sup>62</sup> Markus Barth, *Israel and the Church: Contributions for a Dialogue Vital for Peace* (Richmond: John Knox, 1969), 90-91.

que, eventualmente, todos são incluídos em seu reino (cf. Rom. 11:11-36). Assim, é necessário para o pensamento de Paulo distinguir etnicamente entre judeus e gentios, já que cada um tinha um papel étnico a desempenhar na salvação do outro. O objetivo final, na mente de Paulo, era o reconhecimento mútuo de cada um sob a liderança divina de... [ADONAI], o Deus de Abraão... A insistência particular de Paulo na unidade entre judeus e gentios, em oposição a algum conceito nebuloso de unidade mundial, dá à observância contínua da lei no judaísmo messiânico um papel importante a desempenhar dentro do seu evangelho... Tudo isso quer dizer que, com Paulo, a salvação é a unificação de gentios incircuncisos e não-observantes de toda a Torá com judeus circuncisos e observantes da Torá sob a liderança divina única de... [ADONAI], o Deus de Abraão.<sup>63</sup>

Respondendo ao argumento de Paul van Buren de que "apenas um judeu é essencial para a Igreja e esse judeu é Jesus",<sup>64</sup> Isaac Rottenberg afirma que "a unidade entre judeus e gentios é fundamental para a existência da Igreja, e não apenas para o seu 'bem-estar'."<sup>65</sup> R. Kendall Soulen apresentou uma proposta formidável para a variação eclesiológica judaico-gentílica em seu livro "*The God of Israel and Christian Theology*":

Tradicionalmente, a concepção de igreja é de que ela é uma comunhão espiritual em que a distinção étnica entre judeus e gentios não é mais relevante. A igreja é considerada uma terceira e última "raça" (*tertium genus*), que transcende e substitui a diferença entre Israel e as nações, que continuam sendo distintas. Entretanto, a distinção entre judeus e gentios, que faz parte da obra de Deus como consumidor da criação, não é apagada, mas sim realizada de maneira nova na esfera da igreja. A igreja reconhece e respeita a identidade judaica e gentílica, não apenas no início da sua história, mas essencialmente em todos os tempos.<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> George Howard, *Paul: Crisis in Galatia. A Study in Early Christian Theology* (SNTSMS 35; Cambridge: Cambridge University Press, 1979), 66, 79-81. Magnus Zetterholm, *The Formation of Christianity in Antioch: A Social-Scientific Approach to the Separation between Judaism and Christianity* (London: Routledge, 2003), 158 argumenta que a eclesiológica paulina está enraizada na escatologia judaica. "Paulo enfatiza as diferenças entre judeus e gentios. Eles são certamente 'um em Cristo', mas apenas precisamente como judeus e como gentios eles constituem esta unidade. Ao levantar essa construção teológica, Paulo apela para tradições profundamente enraizadas em sua própria tradição religiosa. O monoteísmo, a peregrinação escatológica dos gentios e o nomismo da aliança são combinados com a firme convicção de viver na era messiânica". Cf. Bockmuehl, *Jewish Law in Gentile Churches*, 81; Nanos, *The Mystery of Romans*, 181-184; William Horbury, "Jerusalem in PrePauline and Pauline Hope", em *Messianism Among Jews and Christians: Twelve Biblical and Historical Studies* (London: T&T Clark, 2003), 218, 223; William Horbury, "Land, sanctuary and worship, em *Early Christian Thought in its Jewish Context*, eds. John Barclay e John Sweet (Cambridge: Cambridge University Press, 1996), 221-222; Scott Hafemann, "Eschatology and Ethics: The Future of Israel and the Nations in Romans 15:1-13," *Tyndale Bulletin* 51 (2000): 174, 186, 190-191; W. D. Davies, "Paul and the People of Israel," in *Jewish and Pauline Studies* (Philadelphia: Fortress, 1984), 139, 141; Douglas Harink, "Paul and Israel: An Apocalyptic Reading" (documento apresentado na reunião anual da Sociedade de Literatura Bíblica, Filadélfia, novembro de 2005), 1-26; Kinzer, *Postmissionary Messianic Judaism*, 151-179; John Howard Yoder, *The Jewish-Christian Schism Revisited*, eds. Michael G. Cartwright e Peter Ochs (Grand Rapids: Eerdmans, 2003), 31-35, 69; Brad R. Braxton, *No Longer Slaves: Galatians and African-American Experience* (Collegeville: The Liturgical Press, 2002), 69, 72; Seth Turner, "The Interim, Earthly Messianic Kingdom in Paul," *Journal for the Study of the New Testament* 25:3 (2003): 323-342; L. Joseph Kreitzer, *Jesus and God in Paul's Eschatology* (JSNTSS 19; Sheffield: JSOT Press, 1987), 131-170; George Wesley Buchanan, *New Testament Eschatology: Historical and Cultural Background* (Lewiston: The Edwin Mellen Press, 1993), 90-120.

<sup>64</sup> Paul M. Van Buren, *Discerning the Way* (New York: The Seabury Press, 1980), 155.

<sup>65</sup> Isaac C. Rottenberg, *Jewish Christians in an Age of Christian-Jewish Dialogue* (1995), 99. Uma coleção de ensaios publicados pela família e amigos do autor, por ocasião de seu 70º aniversário, para distribuição nos círculos envolvidos no diálogo judaico-cristão.

<sup>66</sup> R. Kendall Soulen, *The God of Israel and Christian Theology* (Minneapolis: Fortress, 1996), 169-170.



Hoje, cada vez mais igrejas estão apoiando a eleição irrevogável de Israel, e estão desafiando a teologia da substituição. No entanto, tais posições também devem afirmar a variação eclesiológica definida pela Torá. Soulen observa que uma implicação lógica de abandonar o supersessionismo (teologia da substituição) é a afirmação da distinção entre judeu e gentio, bem como a continuidade judaica na igreja:

Para Wyschogrod, o teste definidor da posição teológica da igreja sobre a ideia da eleição de Israel é como a igreja se relaciona com os judeus em seu meio, ou seja, com os judeus que foram batizados... Se a igreja reconhece a realidade perpétua da eleição corporativa de Israel, ela naturalmente esperará que os judeus batizados mantenham plenamente sua identidade judaica. Mas se a igreja acreditar que substituiu a aliança de Deus com Israel, ela proibirá ou desencorajará os judeus de manterem suas identidades como judeus e membros deste povo. Em suma, o problema do supersessionismo tem a ver com a capacidade da igreja de reconhecer o significado religioso remanescente da eleição corporativa de Israel e, portanto, o significado religioso remanescente da distinção entre gentios e judeus.<sup>67</sup>

Soulen e Wyschogrod chegaram ao cerne da questão. Se os "dons e a vocação de Deus são irrevogáveis", eles são irrevogáveis para todos os judeus, incluindo judeus que creem em Jesus.<sup>68</sup> Uma igreja verdadeiramente pós-supersessionista afirma o chamado irrevogável dos judeus que creem em Jesus a viverem como judeus e criarem seus filhos como judeus.<sup>69</sup> Em outras palavras, a igreja precisa praticar o governo de Paulo hoje se quiser renunciar completamente ao supersessionismo e ser totalmente restaurada como um corpo de crentes judeus e gentios.

## Aplicando a regra de Paulo no presente

Mas como os judeus podem permanecer fiéis à aliança de seus pais em uma igreja predominantemente gentia? Para Wyschogrod, a resposta é encontrada nas sinagogas messiânicas que promovem a "observância sustentada da Torá" (consistente com o modelo de Jerusalém - Atos 15; 21:20-26).<sup>70</sup> As sinagogas messiânicas, do tipo que Wyschogrod defende, são necessárias por causa da natureza comunitária da vida judaica.<sup>71</sup>

---

<sup>67</sup> Soulen, *The God of Israel and Christian Theology*, 11.

<sup>68</sup> David Novak observa que, de acordo com o judaísmo ortodoxo, os judeus que acreditam em Jesus permanecem escolhidos como parte da aliança – “A coisa importante a lembrar ao discutir a questão dos cristãos judeus é que, de acordo com o judaísmo normativo, eles ainda são judeus. O status judeu é definido pela eleição divina de Israel e seus descendentes. Uma vez que os judeus são escolhidos por Deus, não há absolutamente nada que um judeu possa fazer para se livrar da aliança. A regra sobre os apóstatas é baseada no julgamento talmúdico sobre o povo judeu como um todo: 'Mesmo quando peca, Israel ainda é Israel' (Sanhedrin 44a)” (David Novak, “When Jews are Christians,” em *The Chosen People in an Almost Chosen Nation*, ed. Richard John Neuhaus [Grand Rapids: Eerdmans, 2002], 97). David Novak, *The election of Israel: The idea of the chosen people* (Cambridge: Cambridge University Press, 1995), 198-199, 235-240; Wyschogrod, “Letter to a Friend,” 167-168; Dan Cohn-Sherbok, *Messianic Judaism* (New York: Cassell, 2000), 192.

<sup>69</sup> Bruce D. Marshall, “Christ and the cultures: the Jewish people and Christian theology,” em *The Cambridge Companion to Christian Doctrine*, ed. Colin E. Gunton (Cambridge: Cambridge University Press, 1997), 82, 91-93.

<sup>70</sup> Michael Wyschogrod, “Response to the Respondents,” *Modern Theology* 2 (1995): 236-237, 239.

<sup>71</sup> David J. Rudolph, “Messianic Jews and Christian Theology: Restoring an Historical Voice to the Contemporary Discussion,” *Pro Ecclesia* 14:1 (2005): 58-84.

Essas comunidades existem? Estima-se que existam atualmente cerca de 400-500 sinagogas messiânicas em todo o mundo (dados levantados em 2008).<sup>72</sup> Na América do Norte, a maioria das sinagogas messiânicas é filiada à União das Congregações Judaicas Messiânicas (UMJC) e à Associação Internacional de Congregações e Sinagogas Messiânicas (IAMCS). A UMJC define o judaísmo messiânico como “um movimento de congregações judaicas e grupos do tipo congregacional servindo a Yeshua [Jesus], o Messias, que abraçam a responsabilidade da aliança pela vida e identidade judaicas enraizadas na Torá, expressas na tradição, renovadas e aplicadas no contexto da Nova Aliança”([www.umjc.org](http://www.umjc.org)).



Além das sinagogas messiânicas, existem escolas teológicas judaicas messiânicas (como aquela para a qual trabalho em Los Angeles – Messianic Jewish Theological Institute– que recentemente estabeleceu um Centro para Relações Judaico-Cristãs).<sup>73</sup> Existem também centros comunitários judaicos messiânicos, colégios, escolas de língua hebraica, acampamentos de verão, programas de Aliyah para Israel, organizações de mulheres, conselhos haláquicos e instituições de caridade que trabalham diretamente com o Knesset israelense (parlamento nacional de Israel).<sup>74</sup>

---

<sup>72</sup> David H. Stern, *Messianic Judaism: A Modern Movement With an Ancient Past* (Clarksville: Lederer, 2007), 271-272.

<sup>73</sup> [www.mjti.com](http://www.mjti.com).

<sup>74</sup> David J. Rudolph e Joel Willits, eds. *Introduction to Messianic Judaism: Its Ecclesial Context and Biblical Foundations* (Grand Rapids: Zondervan, forthcoming 2011); Mark S. Kinzer, *Israel's Messiah and the People of God: A Vision for Messianic Jewish Covenant Fidelity*, ed. Jennifer Rosner (Eugene, OR: Wipf & Stock, 2010); Matthew Levering, “Supersessionism and Messianic Judaism,” in *Jewish-Christian Dialogue and the Life of Wisdom: Engagements With the Theology of David Novak* (Londra: Continuum, 2010), 12-46; Richard Harvey, *Mapping Messianic Jewish Theology: A Constructive Approach* (Milton Keynes: Paternoster, 2009); Peter Hocken, “The Messianic Jewish Movement: New Current and Old Reality,” in *The Challenges of the Pentecostal, Charismatic and Messianic Jewish Movements* (Burlington: Ashgate, 2009), 97-115; Pauline Kollontai, “Women as Leaders: Contemporary Perspectives on the Roles of Women in Messianic Judaism,” *Women in Judaism: A Multidisciplinary Journal* 6:1 (2009): 1-17; Mark S. Kinzer, “Messianic Gentiles & Messianic Jews,” *First Things* 189 (2009): 43-47; Dvir Abramovich, “Jesus-Believing Jews in Australia: Celebrate Messiah as a Case Study,” *Studies in Christian-Jewish Relations* 4:1 (2009): 1-28; David J. Rudolph, “Contemporary Judeo-Christian Communities in the Jewish Diaspora,” in *Encyclopedia of the Jewish Diaspora: Origins, Experiences, and Culture*, ed. M. Avrum Ehrlich (vol. 1; Santa Barbara: ABC-CLIO, 2008), 146-150; David J. Rudolph, “History of Judeo-Christian Communities in the Jewish Diaspora,” in *Encyclopedia of the Jewish Diaspora: Origins, Experiences, and Culture*, ed. M. Avrum Ehrlich (vol. 1; Santa Barbara: ABC-CLIO, 2008), 136-139; Keri Zelson Warshawsky, “Returning To Their Own Borders: A Social Anthropological Study of Contemporary Messianic Jewish Identity in Israel” (teza de doctorat The Hebrew University of Jerusalem, 2008); Stern, *Messianic Judaism* (2007); Pauline Kollontai, “Between Judaism and Christianity: The Case of Messianic Jews,” *Journal of Religion and Society* 8 (2006): 1-9; Rudolph, “Messianic Jews and Christian Theology,” 58-84; Kinzer, *Postmissionary Messianic Judaism* (2005); Pauline Kollontai, “Messianic Jews and Jewish Identity,” *Journal of Modern Jewish Studies* 3:2 (2004): 195-205; Cohn-Sherbok, *Messianic Judaism* (2000); Carol Harris-Shapiro, *Messianic Judaism: A Rabbi's Journey Through Religious Change in America* (Boston: Beacon, 1999); Shoshanah Feher, *Passing Over Easter: Constructing the Boundaries of Messianic Judaism* (Walnut Creek, CA: AltaMira, 1998); Shoshanah Feher, “Managing Strain, Contradictions, and Fluidity: Messianic Judaism and the Negotiation of a Religio-Ethnic Identity,” in *Contemporary American Religion: An Ethnographic Reader*, eds. Penny E. Becker and Nancy L. Eiesland (Walnut Creek: AltaMira, 1997), 25-50; Gershon Nerel, “Messianic Jews in Eretz Israel, 1917-1967: Trends and Changes in Shaping Self Identity” (teza de doctorat, The Hebrew University of Jerusalem, 1995); Ruth I. Fleischer, “The Emergence of Distinctively Jewish Faith in Jesus, 1925-1993” (teza de doctorat, King's College, University of London, 1995); Bruce Stokes, “Messianic Judaism: Ethnicity in Revitalization” (teza de doctorat, University of California, Riverside, 1994); David J. Rudolph, *Understanding Messianic Judaism* (Denver: Union of Messianic Jewish Congregations, 1993); John R. Stone, “Messianic Judaism: a redefinition of the boundary between Christian and Jew,” *Research in the Social Scientific Study of Religion* 3 (1991): 237-252.



As sinagogas messiânicas provaram ser indispensáveis para o cumprimento do governo de Paulo. Nos últimos 20 anos, milhares de crentes judeus abraçaram o chamado para permanecerem judeus em um contexto judaico comunitário e procuraram sinagogas messiânicas. Como resultado, as sinagogas messiânicas triplicaram em número. Após três anos pesquisando o judaísmo messiânico, o sociólogo Shoshanah Feher concluiu que as famílias judias messiânicas crescem em seu senso de identidade judaica como resultado de fazerem parte das sinagogas messiânicas. "Os membros das congregações ilustram uma tendência distinta em direção ao aumento do 'judaísmo': aqueles criados na tradição judaica valorizam ainda mais sua herança."<sup>75</sup> Em seu livro, *Messianic Judaism: A Rabbi's Journey Through Religious Change in America*, o rabino Carol Harris-Shapiro concluiu com as seguintes palavras:

Até agora, de acordo com as expectativas da comunidade judaica, a soma dos rituais indica a força da comunidade judaica. O ritual judaico quantificável tem dominado a pesquisa sociológica sobre essa continuidade; o que os judeus fazem os classifica como "mais" ou "menos" judeus, mais ou menos conectados ao "fio de ouro" que conecta os judeus a seus ancestrais e uns aos outros (S. Cohen 1988; Goldscheider 1986). Por exemplo, a Pesquisa Nacional da População Judaica de 1990 sugeriu que os indivíduos tinham uma identidade mais forte se frequentassem regularmente os serviços da sinagoga, observassem o jejum de Yom Kippur, visitassem Israel, celebrassem feriados judaicos e acendessem velas de Shabat (Kosmin, et al. 1991, 35-36). Se o ritual é a única medida de judaísmo, os crentes messiânicos que conheci na congregação pontuaram favoravelmente, certamente superaram o "judeu médio" na frequência de participação em serviços religiosos e possivelmente até mesmo em outras práticas judaicas.<sup>76</sup>

A Pesquisa Nacional da População Judaica (NJPS) de 1990 pesquisou um amplo espectro de membros da comunidade judaica americana, incluindo judeus messiânicos. Uma das perguntas do estudo foi: "Ser judeu é importante na sua vida?" De acordo com os resultados, 100% dos judeus messiânicos entrevistados responderam positivamente a esta questão. Essa porcentagem foi maior do que todas as outras categorias de judeus questionados, incluindo ortodoxos (77%), conservadores (58%), reformistas (40%) e reconstrucionistas (49%).<sup>77</sup> Sergio Della Pergola, que catalogou os resultados, resumiu a importância dos dados coletados como:

---

<sup>75</sup> Feher, *Passing Over Easter*, 140-142.

<sup>76</sup> Harris-Shapiro, *Messianic Judaism*, 18.

<sup>77</sup> Sergio DellaPergola, "New Data on Demography and Identification Among Jews in the U.S.," em *Jewish Inter-marriage in Its Social Context*, ed. Paul Ritterband (New York: The Jewish Outreach Institute & The Center for Jewish Studies. The Graduate School of the City University of New York, 1991), 86. Entre os nascidos judeus que se identificam como "cristãos", 21% responderam "sim".

Não surpreendentemente, a importância percebida de ser judeu é maior entre aqueles que manifestam consistentemente sua identidade por meio da expressão religiosa e uma clara preferência denominacional. A variável esperada aparece entre as principais denominações (Ortodoxa, Conservadora, Reformista). Os judeus que levam uma vida secular mostram muito menos interesse pela identidade judaica. O interesse total varia, embora seja geralmente baixo entre outros subgrupos da população pesquisada, incluindo ex-judeus. Um pequeno grupo mostrou uma alta porcentagem de interesse pelo judaísmo entre aqueles que preferem a denominação messiânica.<sup>78</sup>

Evidências empíricas mostram que as sinagogas messiânicas possibilitam que a igreja siga o governo de Paulo. Minha própria história confirma isso. Em 1975, meu pai, um advogado judeu em Nova York, tornou-se crente em Jesus e começou a frequentar os cultos em uma igreja local. O pastor da igreja incentivou papai a visitar uma sinagoga messiânica onde pudesse viver sua fé em Jesus em um contexto judaico comunitário. Isso levou meu pai a ingressar na sinagoga messiânica.

Como esse pastor seguiu a regra de Paulo (provavelmente mais por instinto do que em resposta a 1 Coríntios 7:17-24), fui criado como um judeu messiânico.<sup>79</sup> Agora tenho três filhas, todas criadas no contexto da sinagoga messiânica e identificadas como judias messiânicas. Minha filha mais velha é aluna da Universidade Johns Hopkins e me disse que criará seus próprios filhos como judeus messiânicos. A opção da sinagoga messiânica deu aos meus pais (ambos judeus praticantes) a oportunidade de passar sua identidade judaica para seus próprios filhos e netos.<sup>80</sup> Mas as coisas poderiam ter tomado um rumo diferente se o pastor não tivesse intervindo. Se aquele pastor tivesse recebido meu pai em sua igreja, independentemente de sua vocação judaica, a probabilidade era que eu (como a grande maioria dos judeus crentes em Jesus que são membros de igrejas não-judaicas) teria sido assimilado ao cristianismo para o gentios.

Atualmente, existem mais de um milhão de cristãos nos Estados Unidos que têm um dos pais judeus.<sup>81</sup> Não sabemos quantos desses cristãos de origem judaica frequentam os cultos da igreja; no entanto, não há dúvida de que seu número é da ordem de centenas de milhares. Os líderes da igreja que encontram esses indivíduos podem agir de acordo com o governo de Paulo, conectando-os às sinagogas messiânicas, onde o ethos e a vida comunitária refletem um compromisso com o estilo específico de vida judaica.<sup>82</sup> Mas como pode um líder da igreja cumprir a regra de Paulo se a pessoa ou o casal não quiser frequentar a sinagoga messiânica ou se não houver tal sinagoga na área?

---

<sup>78</sup> Della Pergola, "New Data on Demography and Identification among Jews in the U.S.," 84.

<sup>79</sup> Também frequentei uma sinagoga conservadora com minha mãe, que não é uma judia messiânica.

<sup>80</sup> David J. Rudolph, "No Pork, Just a Little: Reflections on Our College Road Trip," *JewishJournal.com* (4 novembro, 2009).

<sup>81</sup> David J. Rudolph, *Growing Your Olive Tree Marriage* (Clarksville: Lederer, 2003), 180 n. 2.

<sup>82</sup> Construir relacionamentos e atividades conjuntas entre igrejas locais e sinagogas messiânicas pode ajudar a construir a confiança necessária para tornar isso possível.

Para começar, os líderes da igreja podem encorajar os judeus batizados a avançarem em seu "judaísmo" e ajudá-los nessa direção. Eles podem explicá-los, com base em 1 Cor. 7:17-24, que ser judeu é um chamado de Deus e que Deus quer que eles guardem a aliança de seus pais. O membro judeu de uma igreja pode ser aconselhado a permanecer conectado à comunidade judaica, seja por meio de afiliação messiânica, uma sinagoga regular ou ambos. Eles podem ser encorajados a estudar hebraico, frequentar aulas de parsha (porção da Torá), dar tzedacá (caridade) e realizar gemilut hasadim (atos de bondade) dentro da comunidade judaica para crescer em sua caminhada com Deus e se tornarem judeus melhores.

Os pastores podem aconselhar os judeus em suas igrejas, incluindo aqueles que são casados com não-judeus, a manterem uma vida judaica em seus lares observando o sábado, celebrando os feriados judaicos, comendo uma dieta kosher e pendurando uma mezuzá (uma caixa contendo um pequeno manuscrito de Deuterônimo 6:4-9; 11:13-21, com o nome de Deus escrito no verso) em suas portas, entre outros costumes judaicos. A vida judaica é centrada no lar. O líder da igreja pode não ser capaz de trabalhar de perto com um rabino local (messiânico ou regular) que esteja disposto a ajudar em eventos relacionados ao ciclo de vida de uma pessoa, como cerimônias de bris/brit milá (circuncisão), bar/bat mitzvah, casamentos e funerais.

O pastor ou padre deve abrir espaço para que os judeus, dentro de suas igrejas, vivam de acordo com seus próprios costumes, ensinando as Escrituras de maneira que afirme a eleição irrevogável de Israel e a existência de vocações distintas para judeus e gentios. Todas essas coisas requerem compromisso e conhecimento por parte da igreja que deseja honrar a regra de Paulo de que os judeus devem permanecer judeus e não ser assimilados. Sem tal compromisso e conhecimento, os judeus nas igrejas naturalmente gravitarão em direção à assimilação, como fizeram ao longo da história.<sup>83</sup>

Em meio aos desafios enfrentados pelas comunidades religiosas, indivíduos judeus que foram batizados e ainda se reconhecem como judeus têm a capacidade de ajudar suas comunidades a desenvolverem uma visão clara através de programas e recursos educacionais que promovam a compreensão da regra de Paulo. Em um evento notável, a primeira conferência ecumênica de judeus que acreditam em Jesus aconteceu em Helsinque, de 14 a 15 de junho de 2010, com o intuito de "afirmar a identidade judaica, a fé em Jesus e o desejo de unidade". Judeus católicos, ortodoxos, protestantes e messiânicos vindos da Inglaterra, Finlândia, França, Alemanha, Israel, Rússia e Estados Unidos se reuniram para discutir "o significado da continuidade judaica na Igreja, como um elo perpétuo entre seus primórdios, sua vida presente e esperança futura". Entre os palestrantes estavam o padre David Neuhaus, vigário geral do Patriarcado para os católicos de língua hebraica em Israel, e o padre Antoine Levy, diretor do Studium Catholicum em Helsinque. Após dois dias de discussões, a Consulta de Helsinque sobre a Continuidade Judaica no Corpo do Messias emitiu a seguinte declaração:

---

<sup>83</sup> Por exemplo, entre o início do século XIX e a Segunda Guerra Mundial, mais de 400.000 judeus tornaram-se membros de igrejas, mas menos de um por cento de seus descendentes hoje se identificam como judeus. Mitch L. Glaser, *A Survey of Missions to the Jews in Continental Europe 1900-1950* (tese de doutorado, Fuller Theological Seminary, 1998), 159-161; Philip Cohen, *The Hebrew Christian and His National Continuity* (London: Marshall Brothers, 1909), 37; Yaakov Ariel, *Evangelizing the Chosen People: Missions to the Jews in America, 1880-2000* (Chapel Hill, N.C.: The University of North Carolina Press, 2000), 49-51; Rachel L. E. Kohn, "Ethnic Judaism and the Messianic Movement," *Jewish Journal of Sociology* 29:2 (1987): 89. Aqueles que defendem a ideia da possibilidade de uma continuidade judaico-cristã sem respeitarem a regra de Paulo geralmente não fornecem nenhuma evidência histórico-social para apoiar suas teorias

Agradecemos a Deus por nos trazer, como judeus, ao conhecimento de Jesus, o Messias, e expressamos nossa dívida de gratidão para com aqueles entre os gentios que nos transmitiram o conhecimento de Cristo de geração em geração. Embora procuremos falar por aqueles que compartilham nossa identidade judaica e fé em Cristo, não temos nenhum mandato oficial dessas comunidades. A seguir, expressamos nossas crenças mais profundas e as apoiamos.

Neste evento sem precedentes, experimentamos a profundidade de nossa conexão e, ao mesmo tempo, lutamos com a diversidade de nossas profundas compreensões teológicas e culturais. Apesar das divisões da igreja, nos unimos como judeus que crêem em Jesus. Esperamos que compartilhar o fruto de nossos esforços conjuntos beneficie nossos irmãos e irmãs em Cristo. Nosso objetivo não é emitir uma declaração definitiva, mas sim iniciar um processo contínuo de discussão.

Há muitos judeus no Corpo de Cristo. Acreditamos que essa realidade reflete a intenção de Deus para que Israel e as nações sejam bênçãos umas para as outras. De fato, a Igreja, em sua essência, é a comunhão dos judeus e daqueles dentre as nações que são chamados à fé em Cristo.

À luz desta verdade, acreditamos que a vida dos judeus no Corpo de Cristo tem significado teológico para o corpo como um todo. A presença deles serve como um lembrete constante de que sua existência está enraizada na história contínua do povo de Israel. Esta história ressoa através da celebração da vida litúrgica da comunidade. Acreditamos que esta história tem seu centro no Messias de Israel. Também acreditamos que os judeus no corpo são um elo vivo entre a igreja e o povo de Israel. Assim, gostaríamos de explorar maneiras concretas pelas quais eles podem viver sua vocação distinta no corpo de Cristo.

Por fim, gostaríamos de expressar aos nossos irmãos e irmãs judeus que não compartilham de nossa fé em Jesus, o Messias, que nos consideramos parte do povo judeu e estamos comprometidos com o seu bem-estar.<sup>84</sup>

O desejo deste conselho de "explorar maneiras concretas pelas quais os judeus podem viver seu chamado distinto no corpo de Cristo" reflete uma nova visão ecumênica para a comunidade judaica na igreja, que questiona e desafia as abordagens limitadoras de longa data.

## Conclusão

Ninguém gosta de regras na igreja. No entanto, a "regra de Paulo para todas as igrejas" (1 Coríntios 7:17-24) deve ser adotada porque apóia a igreja como um corpo de crentes judeus e gentios. Quando não seguimos a regra de Paulo, a igreja fica vazia de judeus praticantes. Entretanto, algumas pessoas contestam isso e dizem: "em Cristo não há judeu nem gentio",<sup>85</sup> ou dizem que a igreja é uma terceira raça (*tertium genus*).<sup>86</sup>

---

<sup>84</sup> A consulta foi organizada conjuntamente pelo MJTI Center for Jewish-Christian Relations e pelo Stadium Catholicum em Helsinque.

<sup>85</sup> Horrell, "No Longer Jew or Greek," 321-344.

<sup>86</sup> Love L. Sechrest, *A Former Jew: Paul and the Dialectics of Race* (New York: T&T Clark, 2009).

Porém, este trabalho apresentou evidências que indicam que Paulo foi muito cuidadoso em suas epístolas para distinguir entre judeus que acreditavam em Jesus e gentios, com o objetivo de buscar bênçãos mútuas.<sup>87</sup> Além disso, Paulo (como os apóstolos em Jerusalém) formulou uma regra universal de que os circuncisos deveriam permanecer circuncidados (ou seja, judeus praticantes) e os incircuncisos deveriam permanecer incircuncisos, cumprindo seus chamados específicos de Deus. As igrejas hoje têm regras sobre todos os tipos de coisas – mascar chiclete no santuário, vagas de estacionamento designadas para seus membros, etc. Mais de uma vez me pediram para tirar o chapéu, pois essa era a regra do local. Se a igreja se importa tanto com essas normas, talvez tenha chegado a hora de praticar "a regra de Paulo para todas as igrejas" e o decreto do concílio de Jerusalém - ambos são diretrizes universais com o selo da autoridade apostólica.

---

<sup>87</sup> Rudolph, *A Jew to the Jews*, para uma discussão de Gal 1:13; 2:14; 3:28; 5:6; 6:15; Fp 3:8; 1 Cor. 9:19-23; 10:32; e Rom 14.

---

Tradução: Pedro H. Silva

Este artigo foi traduzido com a permissão do autor!